

# PATRIMÓNIO, COGNIÇÃO, E EVOLUÇÃO HUMANA

Pedro Manuel-Cardoso, 2022

## ÍNDICE

<b>1 – PATRIMÓNIO, COGNIÇÃO, E EVOLUÇÃO HUMANA</b> (hipótese, investigação, e <i>resultado</i> ).	2
<b>2 – SETE RESULTADOS NÃO PREVISTOS:</b>	5
2.1 – Modelo de compreensão do Comportamento humano, e sua Evolução.	7
2.2 – O ciclo de um <i>objeto-facto-coisa</i> na cognição.	10
2.3 – Conceito heptadimensional de <i>Objeto-Realidade</i> .	12
2.4 – Hipótese para a origem da Linguagem e da Escrita.	15
2.5 – Hipótese para a origem do fenómeno da religiosidade comum à espécie humana	21
2.6 – Método para detectar as <i>Diferenças</i> no espaço-tempo.	22
2.7 – Redefinição do conceito de “ <i>Património e Museu</i> ”	24
<b>3 – CONCLUSÃO:</b>	25
3.1 – Ponto-de-chegada: <i>Resultado</i> .	25
3.2 – Discussão:	26
3.2.1. Crítica ao <i>Relativismo</i> e <i>Interpretativismo</i> : A pretensa arbitrariedade entre o « <i>nome</i> » e a « <i>coisa nomeada</i> » dentro do <i>Signo</i> . O <i>vazio</i> , a <i>indeterminação</i> e o <i>Nada</i> , como uma maneira inversa de preencher a expectativa de <i>Verdade</i> , antes, preenchida pela convicção no <i>Tudo</i> , na <i>certeza</i> e no <i>absoluto</i> .	26
3.2.2. O <i>aquém</i> e o <i>além</i> Humano: crítica ao Antropocentrismo.	29
3.2.3. Hipótese <i>naturalista</i> para a origem do fenómeno da <i>Religiosidade</i> comum à maioria da espécie humana: A ilusão do “duplo”, transformada numa divindade autónoma, proveniente do efeito de repetição e sucessiva re-cópia do <i>objeto-corpo inicial</i> . A constatação de que, afinal, no início, não foram a <i>palavra</i> e o <i>verbo</i> .	34
3.3 – Novo ponto-de-partida.	37
3.3.1 – A <i>Memória</i> , enquanto fenómeno bio-socio-cultural.	37
3.3.2 – Redefinição do conceito de “ <i>Património e Museu</i> ”.	38
3.3.3 – A Cognição codificará, robotizará e interiorizará a <i>Relevância</i> , ainda mais do que no passado?	41
<b>QUADROS:</b>	
Quadro I – Modelo de compreensão do Comportamento humano, e sua Evolução.	7
Quadro II – Ciclo de um qualquer <i>objeto-coisa-facto</i> na cognição.	11
Quadro III – Modelo de compreensão daquilo que se designa por <i>Objeto</i> (Realidade).	13
Quadro IV – Hipótese da origem da <i>Linguagem</i> e da <i>Escrita</i> .	15
Quadro V – Método para deteção das <i>Diferenças</i> no espaço-tempo.	23
Quadro VI – O impasse <i>Interpretativista</i> , semiológico, e <i>Relativista</i> .	28
Quadro VII – Conceito e definição de “ <i>Património e Museu</i> ”: codificação, robotização, e transmissibilidade.	39
<b>REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA</b>	
Propositadamente no texto, e não à parte ou no fim.	

**1 – PATRIMÓNIO, COGNIÇÃO, E EVOLUÇÃO HUMANA (hipótese, investigação, e resultado)**

*“Acerca das coisas que se dão, das coisas que se vendem, e, das que se não devem dar nem vender, mas, guardar”*

(M.Godelier, 1996/2000, *“O Enigma da Dádiva”*, A.Fayard/Ed.70, p.9)

(A.Weiner, 1992, *“Inalienable Possessions: the paradox of Keeping-while-Giving”*, Berkeley, University of California Press)

*“O Debate sobre Património, Cognição e Evolução Humana não se reduz à experiência, à evidência, e à consciência de «o que o Humano é capaz». A escolha de «aquilo que é Relevante, para merecer ser protegido num lugar especial (seja no ADN, seja através de uma membrana na célula, seja nos museus-arquivos) para ser transmitido às gerações seguintes» (Património), vem desde a estratégia eucariote da Vida há mais de mil milhões de anos. As sucessivas cópias e recópias das células humanas a cada segundo que passa, e os sucessivos inícios e reinícios dos ciclos comportamentais dos organismos de cada espécie, logo, incluindo o do comportamento humano, transportam a memória dos critérios que justificaram as anteriores escolhas de Relevância (ver Quadro I, a passagem da Variável 5 para a Variável 1).”*

(Pedro Manuel-Cardoso, 2022, *“Património, Cognição, e Evolução Humana”*)

O trabalho profissional e o estudo do *Património* conduziram à realização, em 2010 e 2011, dos trabalhos académicos de doutoramento (*“O Património perante o Desenvolvimento”*, 2010) e de pós-doutoramento (*“A Cultura perante o Património”*, 2011, Universidade de Lisboa). No primeiro, foi possível descobrir uma *“estrutura da Relevância”* codificada na memória, que induz *a priori* a escolha daquilo que é considerado *“relevante”* pelas gerações seguintes. O que permitiu demonstrar que a memória é um fenómeno e um processo, simultaneamente, bio-socio-cultural – logo, será um erro científico separar «memórias ditas

*sociais-culturais*» de outras, ditas «*moleculares e biológicas*». O segundo, terminou com a hipótese de a Cognição ter sido desenvolvida (pelo menos em parte) pelo exercício da *procura da Relevância*.

Ou seja, a Cognição teria sido aperfeiçoada pelo efeito da procura de «*o que preferir*», «*o que escolher*», «*o que hierarquizar*», de «*aquilo que se classifica como tendo mais valor*», mesmo sabendo que se desconhecia a «*verdade absoluta*», a «*certeza definitiva*» ou a «*equação do tudo*» sobre a Natureza, o Mundo e a Existência. A necessidade dessa ***procura da Relevância*** teria sido provocada, posteriormente, por causa do efeito cognitivo auto-consciente da percepção dessa incompletude.

Mas muito antes disso, no momento do aparecimento da Vida e da estratégia eucariote, essa procura iniciou-se com a codificação de «*sinais de Diferença e de Distinção*», para ser possível ler e explorar o ambiente no contexto do processo *Adaptativo*. “*Sinais de diferença*”, no sentido de que uma *Informação* é definida por: “*qualquer diferença que faça uma diferença*” (G. Bateson, 1979/1987, “*Mind and Nature*”, p.199). Gradualmente, a evolução dessa capacidade de codificação – iniciada com a «*deteção de Diferenças*»; depois, com a «*codificação dessas diferenças em Formas*»; a seguir, com o «*aparecimento do Signo*»; até às «*linguagens e escrita*»; e ao “*hipertexto*” – terá sido responsável pelo aumento da complexidade cognitiva e do córtex. Acabando, numa fase recente do comportamento, por influenciar a desprogramação genética, e a sua gradual substituição por codificações de autoria humana (no sentido referido por Ernst Mayr em “*What evolution Is*”, 2001, Basic Books, New York). Dando origem, de acordo com os resultados desta investigação, ao aparecimento de uma “*estrutura da Relevância*” codificada na mnése – pressionada pela necessidade de escolher «*qual o melhor caminho a seguir na Continuidade*» perante a percepção dessa incompletude inerente à condição humana. Provavelmente, uma consciência que, em termos antropológicos, define melhor de que tudo a característica distintiva mais potente do Ser dito “*humano*”. E, até, interfira de modo mais forte nas propriedades de “*autocatálise*” e “*auto-organização*” inerentes à actual “*definição bioquímica de Vida*” (Sadownik, J., Mattia, E., Nowak, P., Sijbren, O., et al., *Nature Chimestry* 8, 264-269, 4 jan 2016; J. Peretó, J. Catalá & A. Moreno, *La Recherche*, n.º 2, Février 2013, p.20). Ou seja, uma definição que pressupõe a *Evolução* como um processo autónomo e *Adaptativo*, constituído pela sucessiva cópia de «*o que se é*» (autocatálise), num percurso «*do mais simples ao mais*

*complexo»* (auto-organização).

Agora, neste novo trabalho, que intitulámos “**Património, Cognição e Evolução Humana**” (e que iniciámos em 2012, no programa de doutoramento em antropologia na Universidade Nova de Lisboa/FCSH), esse ponto-de-chegada foi transformado em ponto-de-partida. Na **hipótese** --- a confirmar ou infirmar por este trabalho --- de que o exercício de *procura da Relevância* (expresso na escolha e classificação de certos objetos e factos como sendo «património», e na institucionalização do trabalho coletivo e sociocultural de os proteger e codificar para serem transmitidos aos vindouros) provocou um aperfeiçoamento e transformação das capacidades cognitivas humanas.

Concretamente, de que esse «*exercício de procura da Relevância*», somado ao facto de o seu efeito ter provocado uma codificação na memória (à qual chamámos “*estrutura da Relevância*” ou “*estrutura do valor patrimonial*”), dotou gradualmente a cognição de instrumentos heurísticos de «*escolha a priori da relevância*», cada vez mais complexos e potentes (por exemplo, abdução, indução, dedução, anterioridade, posterioridade, deteção da diferença e da semelhança, analogia, homologia, isolamento das singularidades, e outros). A história da manipulação e de gestão dos objetos e factos, a sua hierarquização em sucessivas escalas de valor, e a sua classificação como sendo “*património*”, forneceram a demonstração empírica que confirmou a hipótese inicial deste trabalho.

A confirmar-se esta hipótese, demonstraria que houve uma evolução interna da cognição (quiçá, expressa em *níveis de complexidade*) com consequências no comportamento e no processo *Adaptativo* humano. E permitiria estabelecer um nexo de continuidade em relação à estratégia eucariote de evolução filogenética da espécie humana, e, inclusive, ao aparecimento do ADN.

De certo modo, este trabalho responde ao desafio lançado em 2010 pela Fundação Wenner-Gren, de se reflectir sobre a hipótese de Wynn & Coolidge (“*it was an enhancement of working-memory capacity that powered the final evolution of modern mind.*” (“*Working Memory: Beyond Language and Symbolism*”, *Current Anthropology*, vol. 51, Sup. 1, June 2010, p.55). A tese, de que a evolução humana resulta, não apenas do processo de relação exterior de *Adaptação* ao ambiente/contexto (expressa na evidência anatómica-fisiológica-

biomecânica), mas também, e sobretudo, de um processo interior de estímulo e aperfeiçoamento da cognição (em parte, independente do processo *Adaptativo* exterior), expresso na evidência da transformação molecular, bioquímica e neuronal.

Ou seja, um duplo processo de evolução que, apesar de interligado, não deixaria de ser independente. O que nos levou, em 3 de dezembro de 2016, na conferência proferida na Fundação Eng. António de Almeida, no Porto, a convite da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* (SPAÉ) – que designei por “*O corpo em mutação*” – a propor que se visse o resultado da evolução humana (nos objetos, na paisagem, no tamanho do cérebro, e na sociedade) não apenas pelo processo difusionista de contactos e trocas; mas também, pelo processo interno de cognição, expresso em **níveis de complexidade**. O que pressupõe o aparecimento da mesma complexidade (ou maior) em pontos geográficos distantes e descontínuos não sujeitos obrigatoriamente a uma troca ou contacto, nem possuindo apenas um ponto-de-origem único e situado apenas num lugar. De que um dos melhores exemplos talvez seja o aparecimento simultâneo da Escrita, em diferentes territórios geográficos (Suméria, Índia, China) sem contágio ou troca (P. Vernus, 2002, “*Du signe à l’écriture: les naissances de l’écriture. L’évolution de l’écriture* », *Pour La Science/Scientific American*, nº 33, outubro/janvier 2002, p.2-4). Seria o mesmo que, utilizando uma analogia, tentar explicar o momento de floração das plantas na primavera, ou a queda das folhas no outono, procurando a explicação numa flor inicial ou na primeira folha que caiu. Obviamente, que as outras flores e folhas não aconteceram por causa do contágio ou imitação de uma inicial e primeira.

## **2 – SETE RESULTADOS NÃO PREVISTOS**

Independentemente da demonstração da hipótese inicial, este trabalho provocou **sete Resultados não previstos**.

O **primeiro**, resultou da necessidade de contextualizar em termos naturalistas e empíricos o fenómeno da «*procura da Relevância*», e da existência de uma estrutura codificada na memória que induzia *a priori* a «*escolha da Relevância*». Essa contextualização deu origem à formulação de um «*modelo de compreensão do comportamento humano*» (**Quadro I**).

O **segundo**, derivou da necessidade de descrever o «*ciclo-de-vida de um qualquer objeto-coisa-facto na cognição*», permitindo captar esse processo num «modelo» (**Quadro II**).

O **terceiro**, em consequência dessa descrição do ciclo de um qualquer *objeto-facto-coisa* na cognição, permitiu a formulação de um novo «*modelo de compreensão daquilo que a cognição designa por objeto-coisa-facto (Realidade)*» constituído por sete fases e sete tipos de objetos (**Quadro III**).

O quarto e quinto resultados, resultaram ambos do efeito cumulativo dos três anteriores. Ou seja, foram obtidos pelo entrecruzamento, quer, da compreensão do modo como o comportamento humano se processa e evolui; quer, da compreensão do modo como a cognição percebe a evidência e o Real através de um processo heptadimensional. Foi essa miscigenação, aprofundada na *Discussão* (capítulo 3.2), que permitiu formular duas hipóteses.

A que constitui o **quarto resultado** foi, concretamente, a formulação de uma «*hipótese para a origem da linguagem e da escrita*» (**Quadro IV**). Em resultado da constatação de que, afinal, «*no início, não foram a palavra e o verbo*»; nem foram invenções puramente humanas, arbitrárias, simbólicas, tidas como separadas de uma codificação anterior que ocorreu a nível molecular.

A que constitui o **quinto resultado** foi, concretamente, a formulação de uma «*hipótese para a origem do fenómeno da religiosidade*» comum à maioria da espécie humana. Originada da ilusão e da projecção cognitiva de um “*duplo*” (“*dejá vu*”), posteriormente transformado numa divindade autónoma. Proveniente do efeito de repetição e de sucessiva re-cópia do *objeto-corpo inicial* inerente ao funcionamento do comportamento humano e da sua evolução descrito no *Quadro I*. E, também, perante a evidência empírica de que esse fenómeno da religiosidade foi originado autonomamente em lugares geograficamente descontínuos não sujeitos a contactos prévios derivados de migrações ou troca.

O **sexto resultado**, foi a formulação de um «*método para detectar as Diferenças no espaço-tempo*» (Quando VI). Pois os resultados anteriores exigiram definir com mais rigor os *objetos-factos-coisas* numa escala não-antropocêntrica, e que abranja não apenas a Terra.

O **sétimo resultado**, apresentado no *capítulo 3.3.2*, foi a «*redefinição dos conceitos de “Património e Museu”*» (Quadro VII). Quer, em consequência da confirmação da hipótese inicial deste trabalho de investigação; quer, dos resultados não previstos provocados pela nova contextualização dada pelo «modelo de compreensão da evolução do comportamento humano» referido anteriormente; quer, perante os atuais avanços na codificação, robotização e transmissibilidade de dados.

### **2.1 – Modelo de compreensão do Comportamento humano, e sua Evolução**

O «*modelo de compreensão do comportamento humano*» que formulámos baseia-se na interdependência entre cinco realidades diferentes, que constituem as cinco variáveis descontínuas e independentes do «modelo»: «*Corpo* (suporte e infraestrutura herdada e *a priori*) – *Cognição* (atividade não-visível provocada pela gradual complexidade do cérebro) – *Comportamento* (atividades visíveis; acções, formas, técnicas e práticas físicas exteriorizadas) – *Regulação social* (institucionalização do efeito coletivo e colaborativo dos comportamentos individuais) – *Escolha da Relevância-Valor* (escolha e classificação daquilo que é *património* e deve permanecer em memória, para ser transmitido aos vindouros)».

Concretamente,

Variável 1 >	Variável 2 >	Variável 3 >	Variável 4 >	Variável 5 >
<b>CORPO</b>	<b>COGNIÇÃO</b>	<b>COMPORTAMENTO</b>	<b>REGULAÇÃO SOCIAL</b>	<b>RELEVÂNCIA-VALOR</b>
Suporte e infraestrutura herdada, memória codificada <i>a priori</i>	Atividade não-visível provocada pela gradual complexidade do cérebro	Atividades visíveis; acções, técnicas e práticas físicas exteriorizadas	<i>Institucionalização</i> do efeito coletivo e colaborativo dos comportamentos individuais	Escolha, hierarquização e classificação de «aquilo que é Relevante» (dito, “ <i>património</i> ”) e deve permanecer em memória
<	<	<	<	<
[A « <i>escolha da Relevância</i> » (“ <i>património</i> ”) interfere com a Variável 1, e <i>Re-inicia</i> a condição inicial do processo]	« <i>Homo habilis</i> , há 2,4 milhões de anos, cérebro com 600 cm <sup>3</sup> ... Cérebro dos atuais humanos (média) 1450 cm <sup>3</sup> ». “O que é sentido pelo corpo é transmitido ao	“ <i>Comportamento (gestus)</i> é um movimento ( <i>motus</i> ) com uma determinada forma ( <i>figuratio</i> ) que procura um efeito-resultado ( <i>agendi, acção</i> ) e um valor	“ <i>Human Evolution: the rise of the innovative mind</i> ” ... “It’s not how smart you are. It’s how well connected you are” (M.Thomas)... “The ability to pass on knowledge from	“It was an enhancement of <b>working-memory capacity</b> that powered the final evolution of modern mind.” (Wynn & Coolidge, 2010, “ <i>Working Memory:</i>
A capacidade de				

<p>utilizar «suportes» feitos de partículas subatômicas (eletrões, fótons, etc.) para transmitir informação permitiu interferir culturalmente na “Variável 1”, pois o nível Físico está (em termos de escala e energia) a montante do nível Biológico (químico, molecular, proteico) inerente àquilo que se designa por “Vida”.</p>	<p><i>cérebro. A resposta é coordenada pelo córtex e executada pelo corpo. Tudo acontece tão rapidamente que parece ser instantâneo</i> (“Cérebro”, 2019, F.C.Gulbenkian, ISBN: 978-989-8807-40-3, p.36).</p> <p>«Ensinar as máquinas a aprenderem a aprender» (2022, IA, machine-learning).</p> <p>«Robotizar o comportamento humano» (2022, robótica, redes neurais).</p> <p>«Expandir-se e evoluir fora da Terra».</p>	<p><i>(habendi, atitudo)”. [Hugues de Saint-Victor (1117-1141) “De institutione novitiorum. De virtute orandi. De laude caritatis. De arrha animae”]</i></p>	<p><i>one individual another” ... “Worked collaboratively”</i> (H.Pringle, march2013, <i>Scientific American</i>).</p> <p><i>“O individual sob a influência do coletivo”.</i></p> <p><i>“As representações públicas colocam as memórias individuais em rede”</i> (D.Sperber, 2006, <i>Les Dossiers de la Recherche</i> n.º22, p.78-79).</p> <p><i>“Confiando na escrita (e na linguagem), é o exterior (o social), e não o interior de si mesmos, que servirá para os indivíduos passarem a lembrar-se e a remorem as coisas”</i> (Platão, <i>Fedro</i>, anos 385-370 a.C., pp.274-275).</p>	<p><i>Beyond Language and Symbolism”, Current Anthropology</i>, vol. 51, Sup. 1, June 2010, p.S5).</p>
---	---	--	--	--

**QUADRO I – Modelo de compreensão do Comportamento humano, e sua Evolução**

Estas cinco realidades (*Variáveis*) são consideradas independentes, descontínuas, e de nível lógico e complexidade diferente. Ou seja, não estabelecem uma relação de causa-efeito direta e sucessiva entre si (umas não são a causa e a origem das outras), apesar de estarem ligadas. Logo, impede que o comportamento humano seja explicado e classificado apenas através de «formas, tipos, técnicas e modalidades da atividade física e do comportamento visível», ou apenas pelos critérios da “*Cultura Material*”, pois isso leva ao erro de se confundir analogia com homologia. Já que, as «*passagens de nível de complexidade*» processam-se pelo sucessivo reconhecimento e redução a «*formas*» da realidade anterior, a qual, desse modo, se transforma num «signo-informação» para uma nova linguagem de complexidade superior, que passa a controlar e comandar o nível de complexidade antecedente (aliás, uma propriedade físico-química já, de certo modo, presente no fenómeno de autocatálise, e no ADN). Ou seja, são dois tipos diferentes de materialidade, por estarem a escalas diferentes de matéria-energia [uma, que vulgarmente se designa por “*coisa*” (*It*), e a outra, por “*informação*” (*Bit*)].



O melhor exemplo desta *passagem de níveis de complexidade* é o ADN (*ácido desoxirribonucleico*). As substâncias químicas *adenina, citosina, guanina, timina* passam a ser letras (ACGT) para uma *linguagem de codificação* (das proteínas). Ou seja, por exemplo, no caso da *adenina*, o nível de complexidade daquilo que ela representa para o nível de complexidade seguinte não é explicado pela sua constituição química enquanto *coisa*. Passou para um nível de complexidade totalmente diferente do da sua fórmula química ser  $C_5H_5N_5$ , ter uma massa molar de  $135.13 \text{ g mol}^{-1}$ , ter o ponto-de-fusão aos  $220 \text{ }^\circ\text{C}$ , ter o ponto-de-ebulição aos  $360 \text{ }^\circ\text{C}$ , e ser solúvel na água. Ou seja, de *coisa (it)* passou a *informação (bit)*.

A nível social e cultural, em diversos trabalhos de investigação em antropologia, já tínhamos detectado diversas *formas de simetria* capazes de regular e comandar os comportamentos coletivos [concretamente, em *“Festividades Cíclicas em Portugal: simetria inversa e opositiva entre Todos-os-Santos e Fiéis Defuntos vs. São Martinho”* (1987), *“Cerimónias Protocolares”* (1989), *“Gestualidade: modos de pôr fim e dar início às relações interpessoais no quotidiano”* (1990), *“Rituais de Violência nos espectáculos desportivos”* (1990), *“O significado social do jogos olímpicos antigos e a origem do desporto”* (2004), *“Definição de Desporto”* (2022), Pedro Manuel-Cardoso]. Foram essas *formas de simetria dos comportamentos coletivos* que nos levaram a estabelecer a relação com a *“Geste et Image: anthropologie de la gestuelle et didactique de la communication”* (Université de Paris, CNRS, UPR-35), a fundar o *“Museu da Gestualidade”* (22 março 1994, Diário da República, n.º 68, III.ª série), a pertencer em 9 setembro 1994 à *“International Society for Gesture Studies”* (Chicago, USA), e a publicar o *“Projeto de Investigação Científica e de Musealização da Gestualidade”* (Ministério da Cultura/IGAC, reg. 2101/2013, 3 maio 2013).

Na reunião da Fundação Wenner-Gren em 2010, um dos participantes, Matt Rossano, lembrou o contributo de Charles Sanders Peirce (*ícone > índice > símbolo*); e, até propôs uma hipótese evolucionista: *“Using Peircian semiotics as an interpretive framework, I evaluate the archaeological evidence for the emergence of symbolism in hominin evolution. While this framework would predict a progression from icons to indexes to symbols, the archaeological record is unclear as to whether icons or indexes are primary.”* (Rossano, 2010, *“Working Memory: Beyond Language and Symbolism”*, *Current Anthropology*, vol. 51, Sup. 1, June 2010, p.89).

Acresce, que, este «*modelo de compreensão do comportamento humano*» (Quadro I) permite descrever empiricamente a ligação entre a realidade física, biológica, social e cultural às quais cada uma dessas cinco variáveis pertencem. Permitindo, não apenas, descrever com objetividade esse processo de relação e interdependência; como também, de o testar e aferir empiricamente no confronto com a realidade concreta e com os dados históricos. Ou seja, permite uma demonstração simultaneamente dedutiva e indutiva.

## **2.2 – O ciclo de vida de um *objeto-facto-coisa* na cognição**

Quanto ao «*modelo de compreensão daquilo que se designa por objeto-facto-coisa (Realidade)*», ele resultou da necessidade de descrever o *ciclo de vida de um qualquer objeto-facto-coisa na cognição*.

Durante esta investigação foi necessário compreender aquilo que um *objeto-facto-coisa* era para a percepção-cognição. E essa compreensão mostrou que o cérebro (córtex) sempre usou um processo holográfico para representar o Real, qualquer que sejam os *objetos-factos-coisas* (materiais, digitais ou “imateriais”) que existam fora dele.

Na cognição, a percepção de um *objeto-facto-coisa* vai da *retina* ocular ao *tálamo*; segue até ao *córtex visual*; e bifurca por dois circuitos: i) até ao *córtex parietal* (circuito dorsal), ii) e até ao *córtex temporal inferior* (circuito ventral). A «*representação de um objeto-facto-coisa na cognição*» passa por diferentes níveis de processamento, que incluem a análise de atributos tais como: orientação, cor, contraste, disparidade, movimento, silhueta, forma, textura, localização no espaço tridimensional (“*Cérebro*”, 2019, Fundação Calouste Gulbenkian, ISBN: 978-989-8807-40-3). A estes atributos é associado um valor emocional que funciona como marcador da sua *relevância*. A *representação de um objeto-facto-coisa* na cognição é o resultado deste processamento feito pela cognição humana.

A cognição permite o acesso e a recuperação da *Memória* através de três modos distintos, os quais possuem localizações específicas no hipocampo:

- i) Pela via de um ***objeto*** isolado (coisa, facto, fragmento, peça, imagem, ideia, coleção, documento, história, bem cultural, testemunho, etc.).

ii) Pela via do **contexto** (lugar, cenário, ambiente) onde o *objeto* ocorreu, mas na ausência dele.

iii) Pela via da «**relação do contexto com os objetos**».

Esta realidade permite compreender as transformações que um *objecto-facto-coisa* sofre, desde a sua origem até à sua codificação em memória:

1. [objeto-coisa-facto > uso > valor]
  2. [nome-identidade > história-narrativa > contexto-ambiente]
  3. [construção-génese > corrupção-uso > aniquilamento-esquecimento] ...
- ... Se houver um processo (ou um *trabalho patrimonial*) de codificação e transmissibilidade, então, haverá:
4. [codificação > ADN-memória-património]
  5. ... > **recomeço** (re-objeto, re-início, re-conceitualização, re-naturalização > 1.

Quadro II – Ciclo de um qualquer *objeto-coisa-facto* na cognição.

Ou seja:

1. Um **objeto-facto-coisa** sofre um determinado **uso** que lhe confere um determinado **valor** (significado, relevância).
2. A esse *objeto-facto-coisa indiferenciado* existente na natureza/mundo é-lhe dado um **nome**. Com o **nome** adquire uma **identidade** («nasce» em termos sociais e humanos; adquire o seu estatuto simbólico de «*diferença*» em relação aos outros); depois, sofre um conjunto de episódios e peripécias conceptuais e práticas, às quais a sociedade chama **história** ou **narrativa**; e que, necessariamente, estão presas a um **contexto/ambiente** (paradigma, ideologia, época, conceito, teoria, etc.).
3. Deste modo, este processo pelo qual um *objeto-facto-coisa* passa até o seu entendimento estar saturado/finalizado, e até ser codificado em Memória, inclui: i) a *fase de construção* (aparecimento, génese); ii) a *fase da sua corrupção*, devido ao «uso» (função, utilização, acção que lhe foi dado por um contexto/ambiente/ideologia/concepção); iii) e a *fase de aniquilamento* (deixa de ser usado, eventualmente é esquecido)

4. A Gestão do Património tenta codificar (Documentar, Arquivar, Musealizar) esse processo, de modo a conseguir preservar e transmitir aos vindouros a **memória** daquilo que o *objeto-facto-coisa* foi.

5. Se a codificação em memória foi possível de alcançar, então, haverá um recomeço do ciclo, que poderá provocar uma reconceptualização e uma re-naturalização do *Objeto inicial* (poderá ocorrer uma mutação, um «**re-Objeto**», uma nova conceptualização de «*aquilo que a Realidade é-foi*»). Pois os que não assistiram a este processo considerarão o *objeto-facto-coisa* como «natural» no início do ciclo seguinte. Enfim, não perceberão que é uma *re-cópia*, um “**recomeço**”.

É deste modo que a memória (e, no contexto humano, a *Gestão do Património*) permitem reiniciar um *novo ciclo de complexidade*. Um processo cumulativo, porque não se perdem os contributos anteriores independentemente de quem os possui ou criou (inclusive podem estar *fora* do corpo, num suporte de acesso diferente e distante), e independentemente dos episódios e vicissitudes exteriores inerentes aos desafios *Adaptativos*. Logo, não “morrem” ou “desaparecem” com a morte do *Contexto* (individual ou social; ambiental ou conceptual) onde foram gerados. A um *nível de conhecimento-percepção* seguir-se-á outro, e assim sucessivamente, num processo consentâneo com o fenómeno da *Evolução*.

### **2.3 – Modelo de compreensão daquilo que se designa por Objeto-Coisa-Facto (Realidade)**

Nesse ciclo pudemos encontrar sete fases, a que correspondem «sete objetos diferentes», resultado das sete metamorfoses a que está sujeito qualquer **objeto-facto-coisa** na cognição: 1.*objeto-natureza*, 2.*objeto-imaginado*, 3.*objeto-construído*, 4.*objeto-representado*, 5.*objeto-comunicado*, 6.*objeto-relevante*, 7.*objeto-memória*.

Ou seja,

1. **OBJETO (ORIGINAL) NATURAL** [no caso de não ser uma criação humana: refere-se áquilo que a percepção humana detecta como sendo um *objeto-facto-coisa* (Diferença). Constituído por matéria-energia, e cuja existência resultou de um fenómeno-processo independente da acção e interferência humana];

2. **OBJETO (ORIGINAL) CONCEPTUAL** [no caso de ser uma criação humana: refere-se ao *objeto-facto-coisa* que existe na ideia, intenção, imaginação, cognição, perpetração humana. O

*objeto-facto-coisa* é uma representação-codificação (imagem) que existe na percepção-cognição. É o *objeto-facto-coisa* que o cérebro-córtex e o sistema perceptivo captam e formalizam. Logo, este tipo de objeto-facto-coisa é o “Original”, do qual todos os outros são “Cópias”];

**3. OBJETO CONSTRUÍDO** [o *objeto-facto-coisa* exteriorizado e formalizado numa construção-criação servindo-se de um qualquer *Suporte*];

**4. OBJETO DOCUMENTAL** [a construção social do *objeto-facto-coisa*. O *objeto-facto-coisa* que resulta de ter sido sujeito a uma operação de identificação, nomeação, classificação, documentação, arquivística ou musealização];

**5. OBJETO-INFORMAÇÃO** [o *objeto-facto-coisa* usado como Informação no processo de o comunicar. Quiçá, de um emissor para um receptor, e sucessivamente o inverso. Por exemplo, o *objeto-facto-coisa* que é enviado por email num ficheiro *PDF*];

**6. OBJETO-PATRIMÓNIO** [o *objeto-facto-coisa* escolhido para ser classificado como «Património». Isto é, tal como se apresenta e é após essa classificação. Já que o trabalho de gestão patrimonial o pode modificar relativamente ao estado em que se encontrava antes (por exemplo, uma mudança para o transformar num *objeto-facto-coisa* “codificável” e “transmissível”);

**7. OBJETO-MEMÓRIA (TRANSMISSÍVEL)** [o *objeto-facto-coisa* que fica na Memória --- nos neurónios, nos percursos sinápticos, no hipocampo, no ADN, ou num museu/arquivo/biblioteca/base-de-dados --- para ser acedível pela Cognição dos presentes e vindouros, em qualquer dimensão do espaço-tempo, e em qualquer época ou contexto ambiental e geográfico].

Um processo heptadimensional, que o **Quadro** adiante resume:

TIPOS DE OBJETOS	NOME DO OBJETO EM CADA TIPOLOGIA
1. Objeto-Natureza	<p>&gt; <b>OBJETO (ORIGINAL) NATURAL</b></p> <p>[no caso de não ser uma criação humana: refere-se áquilo que a percepção humana detecta como sendo um <i>objeto-facto-coisa</i> (Diferença). Constituído por matéria-energia, e cuja existência resultou de um fenómeno-processo independente da acção e interferência humana].</p>
2. Objeto-Imaginado	<p>&gt; <b>OBJETO (ORIGINAL) CONCEPTUAL</b></p>

		[no caso de ser uma criação humana: refere-se ao <i>objeto-facto-coisa</i> que existe na ideia, intenção, imaginação, cognição, perpetração humana). O <i>objeto-facto-coisa</i> é uma representação-codificação (imagem) que existe na percepção-cognição. É o <i>objeto-facto-coisa</i> que o cérebro-córtex e o sistema perceptivo captam e formalizam. Logo, este tipo de objeto-facto-coisa é o “Original”, do qual todos os outros são “Cópias”].
3. Objeto-Construído	>	<b>OBJETO CONSTRUÍDO</b> [o <i>objeto-facto-coisa</i> exteriorizado e formalizado numa construção-criação servindo-se de um qualquer <i>Suporte</i> ].
4. Objeto-Representado	>	<b>OBJETO DOCUMENTAL</b> [a construção social do <i>objeto-facto-coisa</i> . O <i>objeto-facto-coisa</i> que resulta de ter sido sujeito a uma operação de identificação, nomeação, classificação, documentação, arquivística ou musealização].
5. Objeto-Comunicado	>	<b>OBJETO-INFORMAÇÃO</b> [o <i>objeto-facto-coisa</i> usado como Informação no processo de o comunicar. Quiçá, de um emissor para um receptor, e sucessivamente o inverso. Por exemplo, o <i>objeto-facto-coisa</i> que é enviado por <i>email</i> num ficheiro <i>PDF</i> ].
6. Objeto-Relevante	>	<b>OBJETO-PATRIMÓNIO</b> [o <i>objeto-facto-coisa</i> escolhido para ser classificado como «Património». Isto é, tal como se apresenta e é após essa classificação. Já que o trabalho de gestão patrimonial o pode modificar relativamente ao estado em que se encontrava antes (por exemplo, uma mudança para o transformar num <i>objeto-facto-coisa</i> “codificável” e “transmissível”].
7. Objeto-Memória	>	<b>OBJETO-MEMÓRIA (TRANSMISSÍVEL)</b> [o <i>objeto-facto-coisa</i> que fica na Memória --- nos neurónios, nos percursos sinápticos, no hipocampo, no <i>ADN</i> , ou num museu/arquivo/biblioteca/base-de-dados --- para ser acedível pela Cognição dos presentes e vindouros, em qualquer dimensão do espaço-tempo, e em qualquer época ou contexto ambiental e geográfico].

**Quadro III – Modelo de compreensão daquilo que se designa por *Objeto* (Realidade).**

Deste modo, foi possível demonstrar que, para a cognição, neste processo heptadimensional de perceber a Realidade, não há uma descontinuidade entre um «*objeto IT*» e um «*objeto*»

*BIT*». Essa ilusão de descontinuidade (e de oposição entre «*material vs imaterial*», «*coisa vs informação*», «*tangível vs intangível*») deriva da incompreensão deste processo heptadimensional, através do qual um qualquer *objeto-facto-coisa* se metamorfoseia na cognição.

Um resultado que, como debateremos no capítulo 3.2 (Discussão), contribui para ajudar a resolver o impasse que opõe «*corpo vs mente*», «*matéria vs espírito (alma)*», «*forma vs relação-fluxo-movimento*», «*forma vs sentimento*», «*forma vs desejo*», «*consciente vs inconsciente*», «*essência vs substância*», «*conteúdo vs forma*», «*palavra vs coisa-objeto-representação*», «*coisa vs força-energia*», «*pensamento vs comportamento*», «*estrutura vs processo*», «*material vs imaterial*», «*hardware vs software*», «*indutivo vs dedutivo*», e demais oposições do mesmo tipo. Logo, contribui para o debate entre «*Fenomenologia vs Positivismo*».

#### 2.4 – Hipótese para a origem da Linguagem e da Escrita

Este «*modelo de compreensão do ciclo de um objeto-coisa-facto na cognição*» fornece uma descrição empírica possível de testar experimentalmente (quicá, uma explicação) para a **Origem da Linguagem e da Escrita**.

Concretamente,

Deteção e reconhecimento das <i>Diferenças</i> e distinções	da Diferença à <i>Forma</i>	da <i>Forma</i> ao <i>Signo</i>	do <i>Signo</i> à <i>Linguagem</i>	da <i>Linguagem</i> à <i>Escrita</i> e aos alfabetos	da <i>Escrita</i> ao <i>Hipertexto</i>
>	>	>	>	>	>
Deteção e reconhecimento das <i>Diferenças</i>  Provavelmente, uma “ <i>informação-instrução</i> ” controla e regula as substâncias-coisas-objetos através de um <i>efeito</i> (« <i>reação</i> » e « <i>interrupção da reação</i> ») provocado nelas pelo <i>contacto</i> (« <i>conexão</i> » e « <i>interrupção da conexão</i> »), originado por as ter colocado num	Transformação e exteriorização das <i>Diferenças</i> em <i>Formas</i> (objetos, coisas, factos)	Representação exteriorizada das <i>Formas</i> em <i>Signos</i> (marcas, incisões, desenhos, ícones, indexes e símbolos). Primeira tentativa de redução-representação da Realidade	Transformação das <i>Formas</i> em <i>Linguagem</i>	Transformação da <i>Linguagem</i> em <i>Escrita</i> pelo efeito coletivo e colaborativo, expresso na institucionalização e regulação social dos comportamentos individuais (sedentarização, urbanização)	Hipertexto [por efeito da capacidade de colocar os comportamentos sociais e as diferentes escritas em rede; miscigenar os diferentes tipos de signos (imagens, números, letras, etc.); usar “ <i>suportes</i> ” feitos

<p><b>determinado posicionamento e encadeamento.</b> Essa “informação-instrução”, em termos da substância daquilo que a constitui, é <b>feita com as mesmas substâncias-coisas-objetos daquilo que é capaz de controlar-regular</b> (de certo modo, é uma regulação-controlo a si mesma, às proporções e quantidades através das quais causa efeitos). Trata-se de um <i>padrão</i> e de uma <i>repetição</i> de um posicionamento-encadeado-percurso, e seus efeitos e consequências. <b>É a repetição do padrão que lhe dá uma “forma”.</b> É este processo que transforma as “diferenças” em “formas”, com a qualidade de “signos” para um nível de complexidade sucessivamente superior. A permanência desse “padrão” constrói uma “forma” possível de ser codificada como “<i>memória</i>”.</p>		através delas.			<p>de partículas subatômicas (eletrões, fotões, etc.)).</p> <p>A capacidade de usar suportes subatômicos para transmitir informação, foi a condição que permitiu interferir no <i>nível biológico</i> que constitui a “<i>Vida</i>” (<i>Variável 1</i>). Por o <i>nível Físico</i> estar, em termos de escala e energia, a montante do nível bioquímico, molecular, proteico.</p>
>	>	>	>	>	>
<p>&gt; há 3,8 mil milhões de anos, aparecimento da Vida e do ARN</p>	<p>Antes de 3 milhões de anos (<i>Homo habilis</i>)</p>	<p>Antes de 14.000 anos (Lapa do Picareiro, Vale do Coa, Lascaux, etc.)</p>	<p>Aparecimento das linguagens e falas humanas</p>	<p>“ano 3300 a.C. (<i>escrita pictográfica, Mesopotâmia</i>); 3200 a.C. (<i>hieróglifos, Egípto</i>); 1300 a.C. (<i>alfabeto fenício</i>); 600 a.C. (<i>escrita hebraica</i>); 400 a.C. (<i>alfabeto em latim</i>); etc.” [P. Vernus, 2002, “<i>Du signe à l’écriture: les naissances de l’écriture. L’évolution de l’écriture</i>”, <i>Dossiers Hors-Série</i>, nº 33, <i>Scientific American</i>, p.4)</p>	<p>2000 d.C.</p>
<p>O melhor exemplo desta <i>passagem de níveis de complexidade</i> é o ADN (<i>ácido desoxirribonucleico</i>). As substâncias químicas <i>adenina, citosina, guanina, timina</i> passam a ser letras</p>			<p>“<i>Since this intense meaning is devoid of specificities, the only way to communicate its</i></p>	<p>“<i>Na origem, diferentemente da língua, que surge no seio generalizado dos comportamentos individuais, a</i></p>	



<p>(ACGT) para uma <i>linguagem de codificação</i> (das proteínas). Ou seja, por exemplo, no caso da <i>adenina</i>, o nível de complexidade daquilo que ela representa para o nível de complexidade seguinte não é explicado pela sua constituição química enquanto <i>coisa</i>. Passou para um nível de complexidade totalmente diferente do da sua fórmula química ser <math>C_5H_5N_5</math>, ter uma massa molar de <math>135.13 \text{ g mol}^{-1}</math>, ter o ponto-de-fusão aos <math>220 \text{ }^\circ\text{C}</math>, ter o ponto-de-ebulição aos <math>360 \text{ }^\circ\text{C}</math>, e ser solúvel na água. Ou seja, de <i>coisa (it)</i> passou a <i>informação-instrução (bit)</i>.</p>			<p><i>intensity is the metaphor; hence, only through the transformation of objective sign into subjective symbol in art, literature, and religion can the increasing integration of cortical and subcortical activity be communicated.</i>" (Roland Fischer, 1971, "A Cartography of the Ecstatic and Meditative States", <i>Science</i> 174, (nov. 1926), citado por R. Schechner, no artigo "Magnitudes of Performance", in "Anthropology of Experience", 1986, p.359)</p>	<p><i>escrita é um assunto do Estado"</i> (L. Murawiec, 2002, "Du signe à l'écriture: les naissances de l'écriture. L'évolution de l'écriture", <i>Dossiers Hors-Série</i>, nº 33, <a href="#">Scientific American</a>, p.94)</p>	
---	--	--	--	---	--

**Quadro IV** – Hipótese para a origem da *Linguagem* e da *Escrita*.

Afinal, no início, não foram a *palavra* e o *verbo*. Uma discussão que referiremos adiante, no capítulo 3.2 (Discussão).

Seja como for, volta a ser um caso (fenómeno) que coincide com as passagens entre os cinco níveis de complexidade formuladas no «*modelo de compreensão do comportamento humano*» – *Variáveis 1 a 5*, mais o retorno-reinvestimento da *variável 5* na *variável 1*. E acrescenta, ao conhecimento vigente sobre a origem da linguagem e da escrita, as duas fases anteriores ao «*aparecimento do Signo*» – concretamente, a «*deteção da Diferença*», e a passagem «*da Diferença às Formas*» (objetos, factos). Permitindo estabelecer um nexo de continuidade e causalidade entre os níveis biológico, social e cultural.

Em 1987 escrevemos o texto adiante, que posteriormente serviu para fundarmos em 24 de setembro de 1993 – farão, este ano, 29 anos – o *Museu da Gestualidade*:

### ***Museu da Gestualidade***®

O *Museu da Gestualidade* é um projeto antropológico, museológico e patrimonial fundado por Isabel Maria Pereira, Maria Isabel Tristany e Pedro Manuel-Cardoso, tendo sido lavrada escritura notarial em 24/09/1993 (RNPC em 26/07/1993), e publicado no *Diário da República*, III.ª série, n.º 68, de 22/03/1994.

O *Museu da Gestualidade* é um projeto antropológico (i.e., visa contribuir para conhecer a especificidade do ser humano, o modo como surgiu, e há-de evoluir) e museológico (i.e., visa contribuir para estudar, preservar, e gerir o património gestual humano, de modo a poder ser transmitido às gerações vindouras prolongando a estratégia de vida eucariote).

A *Gestualidade* (isto é, os comportamentos e ações em que o uso do *corpo* serve para comunicar) ainda que vivida e apresentada como sendo natural, constitui um produto bio-socio-cultural, um resultado epigenético, talvez mesmo um artefacto, em que convergem não apenas uma dimensão histórica e sociocultural transmitida de geração em geração pela aprendizagem, mas também uma dimensão automática codificada, e ainda, uma expressão ritualizada anterior a *Homo sapiens sapiens*. Varia com o local, a idade, o género, o momento, a circunstância, o estatuto, o papel, a etnia, a época, a cultura, o poder e a ideologia, e outras circunstâncias bio-socio-culturais. Mas também apresenta estruturas e sequências codificadas que não se modificam com o contexto sociocultural ou ambiental, tal como as expressões das emoções básicas, a biomecânica dos movimentos automáticos do corpo, ou a simetria isomórfica em comportamentos ritualizados. Constitui um dos principais instrumentos da construção cultural das “relações sociais”, sobretudo daquelas onde o corpo dos indivíduos não pode deixar de estar presente, ou, onde a imagem do corpo se torna imprescindível à relação e à comunicação.

No percurso histórico de todas as sociedades existe um modo peculiar de se construírem as interações sociais. Porém, só muito recentemente, a partir dos anos 1950/60, se passou a ter um conhecimento científico sistemático sobre o sistema de modalidades gestuais (quinésico, táctil, proxémico, para-linguístico ou prosódico) utilizado nessas situações interativas e comunicativas. Esse sistema gestual é observável empiricamente, e exprime o modo como cada indivíduo, comunidade e sociedade entram em contacto consigo mesmos e com o exterior de si próprios.

A *Gestualidade*, apesar de ser tão evanescente como uma imagem, pode ser tão dura como as pedras de um monumento, ou tão permanente como a materialidade de um fóssil. Por detrás da sua aparente efemeridade, protegido pela frequência de uso, desvalorizado pela proximidade, existe um *processo social* – muito mais perene do que a percepção deixa entrever. E que permanece, ainda, um Património esquecido. E, em Portugal, pouco investigado de forma sistemática na sua significação antropológica. Afinal, como referiu Vitorino Magalhães Godinho em 1985: “*vamos dirigir-nos a um povo cujas formas de criação passam quase sempre mais pela oralidade e pela gestualidade do que pela mensagem escrita e pela leitura*”. Essa etno-géstica, de primordial importância para o estabelecimento concreto das relações

sociais, constitui o objetivo deste *projeto antropológico e museológico*.

Isabel Maria Pereira, Maria Isabel Tristany & Pedro Manuel-Cardoso (1987)

Em 2004, há dezoito anos, quando apresentámos na Universidade Nova de Lisboa (FCSH) a candidatura ao doutoramento em antropologia, com o título “*Contributo para o estudo antropológico dos comportamentos não-verbais na comunicação em Portugal*”, tínhamos por objetivo, exatamente, investigar essa relação entre as «*formas do comportamento humano*» e a linguagem. A *Candidatura*, com a hipótese e a metodologia de investigação, foi aceite. Não prosseguimos o trabalho devido ao falecimento do *Orientador* que escolhemos, e que tinha aceite orientar esse nosso trabalho. Referimo-nos ao saudoso Amigo, Professor Doutor Carlos M. de Chagas Henriques de Jesus (doutorado pela Universidade de Cambridge/UK em *Fisiologia animal e Biofísica*; *Guggenheim Fellow* na Universidade de Harvard, onde trabalhou com Noam Chomsky, Edward O. Wilson e René Thom; Investigador no Instituto Gulbenkian de Ciência; com mais de uma dezena de artigos publicados no “*Journal of Physiology*” e no “*Journal of Experimental Biology*”).

Não prosseguimos a investigação, nessa época, por considerarmos que não havia em Portugal mais ninguém com competência para nos orientar nessa pesquisa. Alguém que tivesse trabalhado em Harvard diretamente com Noam Chomsky e Edward O. Wilson. Porém, a metodologia de investigação que propusemos nesse projeto continuou a ser investigada e aprofundada. E registámo-la legalmente em *Direitos-de-Autor* em 11 de março de 2013 (*Registo n.º 2101/2013, IGAC, referência 1167/DLPI/RO*).

Nesse ano de 2004, no *dossier* de candidatura ao referido doutoramento na Universidade Nova de Lisboa, escrevemos:

“*Over the past three decades there has been a growing recognition that the study of **GESTURE** --- visible bodily action that plays a role in explicit communication --- promises to throw much light on a range of issues that are central for any understanding of language (broadly conceived), and for an understanding of communication processes in human interaction*” (Müller, C., Freie Universität Berlin, 2004)

*“The discovery of the importance of non-verbal communication has transformed the study of human social behaviour”* (Argyle, M., Cambridge University, Mass., USA, 1979)

Durante muito tempo em ciências sociais e humanas (antropologia, sociologia) prevaleceria a tese de que a linguagem teria sido uma invenção humana – tal como a escrita, ou a arte. A origem da linguagem deveria ser procurada na lógica e nos fundamentos da organização social, e não tanto nas capacidades de um cérebro individual (Lévi-Strauss, 1970). Esta *tese culturalista* seria atualizada por William Noble e Lain Davidson (1996). Todavia Steven Pinker, dando continuidade à perspectiva inatista de N. Chomsky, haveria de apresentar uma tese contra-intuitiva na qual a linguagem teria tido origem numa capacidade *“biologicamente programada”* (1994). Este impasse entre as *teses culturalistas* e as *teses inatistas* manteve-se sem solução até à actualidade.

Merlim Donald (1997) proporia a hipótese de uma origem mimética da linguagem, que se teria desenvolvido desde *Australopithecus*. Michael C. Corballis (2001), da Universidade de Auckland (Nova Zelândia), proporia a tese de uma origem gestual da linguagem, que teria já sido utilizada em *Homo erectus*. O linguista Derek Bickerton (1997) proporia, também desde *Homo erectus*, a tese da existência de uma espécie de *protolinguagem*, que teria sido a fôrma que teria moldado a linguagem actual. Terrence Deacon (1997) proporia uma tese intermédia, segundo a qual, algures durante o processo de *hominização*, teria ocorrido um processo de coevolução da linguagem e do cérebro.

Em 2001, Laura Petitto e os seus colegas da Universidade McGill em Montreal (Canadá) mostraram por “imagens cerebrais”, utilizando as técnicas *PET* (tomografia por emissão de positrões), que as zonas que se acreditava estarem apenas especializadas no processamento auditivo da linguagem (sons) também se ativavam quando os surdos-mudos comunicavam por “gestos”. Duas interpretações passaram a poder ser deduzidas destes resultados: 1. Ou as capacidades de processamento da linguagem eram independentes do canal sensorial, confirmando no cérebro uma estrutura inata propriamente linguística. 2. Ou, ao invés, o cérebro seria especializado no “tratamento de imagens complexas”, quer fossem construídas através de sons ou através de gestos.

A confirmar-se esta última hipótese, não apenas a *“linguagem verbal”*, mas também a *“linguagem não-verbal”*, poderiam estar ambas implicadas na origem da linguagem humana. Abrindo-se novas perspectivas de investigação, eventualmente, capazes de resolverem esse impasse entre geneticistas e culturalistas.

Esta mudança foi decisiva para nós. Por confirmar e revalorizar a importância das investigações em *gestualidade* e *comunicação não-verbal*. E decisiva, também, para a formulação da *Hipótese* que orientou este trabalho de investigação. Pois esses resultados sugerem que a função do cérebro na comunicação utiliza quaisquer fragmentos (sejam gestos, sons, ou quaisquer outros canais sensoriais-perceptivos) para construir *representações* (imagens ou formas), para depois poder associá-las a um sentido-significado aprendido socialmente. **[Facto que se veio a confirmar, como se poderá constatar no «Quadro I – Modelo de compreensão do Comportamento humano, e sua Evolução», na coluna da Variável 2 (cognição), na referência bibliográfica: “Cérebro”, 2019, Fundação Calouste Gulbenkian, ISBN 978-989-8807-40-3].**

Assim, o contributo deste trabalho advirá, após investigar determinadas configurações gestuais, se foram ou não constitutivas de um processo de *comunicação* socialmente repetido e institucionalizado, transformando-se em “unidades elementares”

(signos) para um nível codificado do comportamento humano. Fá-lo-á numa *amostra* e num contexto interativo bem delimitados, concretamente, observando os «*comportamentos gestuais de dar-início e pôr-fim às relações inter-individuais face-a-face no quotidiano*», tendo em consideração as diferenças provocadas pelo *género, idade e grau de descontinuidade física nessas inter-relações*.

Pedro Manuel-Cardoso, 2004, Universidade Nova de Lisboa / FCSH.

## **2.5 – Hipótese para a origem do fenómeno da religiosidade comum à espécie humana**

A actual “definição bioquímica de Vida” (Sadownik, J., Mattia, E., Nowak, P., Sijbren, O., et al., *Nature Chimestry* 8, 264-269, 4 jan 2016; J. Peretó, J. Catalá & A. Moreno, *La Recherche*, n.º 2, Février 2013, p.20) – que referimos no início deste texto – presume que a *Evolução* é um processo autónomo e *Adaptativo* constituído pela sucessiva cópia de «*o que se é*» (autocatálise), num percurso «*do mais simples ao mais complexo*» (auto-organização).

O rasto do processo bioquímico da autocatálise inerente à evolução da *Vida* – ou seja, de sermos obrigados geneticamente a fazer *cópias de nós mesmos* para evoluirmos, sem que as diferenças e mutações consigam destruir a herança codificada na memória –, quando atinge o nível de complexidade cultural e humano, **dá a ilusão da existência** autónoma de um “*duplo*” (por exemplo, o “*doppelgänger*” referido por Helmuth Plessner, 1928, “*Die Stufen des Organischen und der Mensch*”), “*sombra*”, “*halo*”, “*fantasma*”, “*esfinge*”, “*espírito*”, “*divindade*”, “*super-ego*”, “*dejá vu*”, ou de um “*portal*” (para *mundos-do-aquém* ou *do além*). Ou recentemente, em 2022, Blake Lemoine, defendendo a existência de uma “*Inteligência Artificial possuindo consciência de si*”. Clifford Geertz também se deixa influenciar por essa ilusão, explicitamente, ao usar as palavras de Lionel Trilling: “*How Comes It that we all start out Originals and end up Copies?*” (C. Geertz, 1986, “*Making Experiences, Authoring Selves*”, p.380). Ou seja, *imagens* – quiçá, iguais à da famosa alegoria da caverna de Platão – que são meras projeções e reflexos desse processo sucessivo de cópia necessário à evolução da complexidade.

*Imagens e projeções* iguais às de todas as religiões, em que os deuses são «*Aquele de nós que desejamos-projetamos num Ser que Há-de Vir*». Obrigatoriamente, após a transformação

daquele que agora somos. Necessariamente, após a sua morte. Na religião católica, esta projeção imagética encontra-se descrita na epístola de São Paulo aos Coríntios, e na morte-transformadora de um *ser-anterior* numa cruz. Em que «*aquele de nós, que somos agora, e que está prestes a fenecer*» – num último momento de medo, de dor e de dúvida – pede ajuda a *Deus*. Para ouvir *Dele*, que essa aparente morte, esse aparente fim, afinal, são a condição transformadora para que possa entrar no “*reino dos céus*” perpetuamente.

E não são apenas os *corpos*, mas igualmente os textos, e todos os resultados do conhecimento a que chegamos, que sofrem também este processo de permanente mudança e transformação. De permanente morte, e ressurreição noutros transformados. Aliás, em termos factuais e empíricos, é a essa condição a que estão sujeitos todos os *objetos-factos-coisas*. *Versões de versões*, que se sucedem sem término, para haver uma porta – uma saída – para se conseguir evoluir. Uma porta ínfima, é certo, entre o original e a cópia, e entre as cópias e as sucessivas re-cópias. Mas cuja permanência-existência apenas pode ser garantida se este processo comportamental (ciclo) não cessar. E, em termos de Conhecimento, é a permanência deste processo (fenómeno) que permitiu à cognição captá-lo como se fosse uma *forma* e um *padrão*; e, posteriormente, permitiu que formulássemos um «modelo de compreensão» (*Quadro I*). Passando, em termos de complexidade, do nível de algoritmo para o de logaritmo.

## **2.6 – Método para detectar as Diferenças no espaço-tempo**

Por outro lado, o «*modelo de compreensão do ciclo de um objeto-coisa-facto na cognição*» pressionou a formular um «*método para detectar as Diferenças no espaço-tempo*», que fosse mais rigoroso e preciso do que os baseados nos critérios de “*épocas*”, “*idades*”, “*séculos*”, e outros do mesmo tipo.

Concretamente (ver *Quadro V*, adiante),

Existe, em termos matemáticos, para um tempo/espaco quantificado (R), e para um objeto/facto particular (N), uma qualquer *diferença* (X) entre [O1, O2, O3], ou [U1, U2, U3], ou [R1, R2, R3]?

	OBJETO/FACTO (coisa)	USO (acção/comportamento/função)	RELEVÂNCIA (valor/significado)
<b>PASSADO</b> Antes Anterioridade	<b>O1</b> <i>Objetos/Factos</i> tal como existiam no <b>Passado</b>	<b>U1</b> <i>Uso</i> dado no <b>Passado</b>	<b>R1</b> <i>Relevância/Valor</i> que tinham no <b>Passado</b>
<b>PRESENTE</b> Agora Contemporaneidade Coetaneidade	<b>O2</b> <i>Objetos/Factos</i> tal como existem no <b>Presente</b>	<b>U2</b> <i>Uso</i> dado no <b>Presente</b>	<b>R2</b> <i>Relevância/Valor</i> que têm no <b>Presente</b>
<b>FUTURO</b> Depois Posterioridade	<b>O3</b> <i>Objetos/Factos</i> que se propõem para o <b>Futuro</b>	<b>U3</b> <i>Uso</i> que se propõe para o <b>Futuro</b>	<b>R3</b> <i>Relevância/Valor</i> que se deseja que venham a ter no <b>Futuro</b>

Quadro V – Método para deteção das *Diferenças* no espaço-tempo.

Pois, se todo e qualquer *objeto-facto-coisa* se inicia pela «*percepção de uma Diferença*» (ver *Quadro IV*), e está situado forçosamente numa escala de espaço-tempo não antropocêntrica – isto é, sujeito às propriedades físicas da *intrincação* e *super-posição* e às propriedades biológicas de *autocatálise* e *auto-organização* – então, será um erro continuar a definir a sua posição e a sua duração pelos critérios actuais. Um erro proporcionalmente maior, quanto mais o ser-humano se expandir para fora da Terra, e lá, nesses sítios, passar a ocorrer relevância e património (*objetos-coisas-factos-coleções*, etc.). Ver no *Quadro I*, no «modelo de

compreensão do comportamento humano, e sua evolução», a *Variável 2* na 2.ª coluna.

### **2.7 – Redefinição do conceito de “Património e Museus”**

O resultado deste trabalho mostrou, assim, que o aumento da capacidade cognitiva foi possível através de um processo de codificação baseado em sucessivos níveis de complexidade. Não diferente do conferido pelas propriedades de *autocatálise* (moléculas com a propriedade de fazerem cópias de si mesmas) e *auto-organização* (moléculas com a propriedade de evoluírem do simples ao complexo) da actual definição bioquímica da Vida. Que, apesar de ter havido uma evolução para níveis designados por “sociais ou culturais”, nunca deixaram de interferir no sistema bio-fisiológico inicial, apesar desse afastamento. Isto é, nunca houve uma separação ou ruptura do “natural” (biológico) em relação ao “cultural” (simbólico).

Ou seja, a natureza biológica do ser-humano pode viajar para fora da sua condição inicial (herdada geneticamente, i.e., interiorizada e codificada molecularmente) – concretamente, para o território daquilo que se designa por “social”, “cultural” e “humano” – sem se perder da Natureza. Logo, nada impede que a «*procura da Relevância*» seja um comportamento induzido por um estado (uma pré-disposição herdada) provocado por uma proteína, ajudada a codificar por um ou mais genes. E no futuro, induzida por técnicas humanas.

Ora, esta evidência deveria ter consequências na redefinição do conceito de Património, e no trabalho actual de gestão dos Museus e instituições equiparadas (ICOM/UNESCO). Por exemplo, permitiria iniciar desde já um trabalho de matematização e robotização do trabalho em “*Património e Museus*”, na base da seguinte definição:

**$X = \text{Log } b(Y)$ . Em concreto,  $X$  transforma  $b$  em  $Y$ .**

Na *Conclusão*, no *capítulo 3.3.4*, esta redefinição conceptual será desenvolvida e explicada.



### **3 – CONCLUSÃO**

#### **3.1 – Ponto-de-chegada: Resultado**

O *ponto-de-chegada* (resultado) deste trabalho foi a confirmação da hipótese inicial – de que o exercício de *procura da Relevância* provocou um aumento da capacidade cognitiva humana. A confirmação, de que a *origem do Património* radica na *procura da Relevância*. E, a *procura da Relevância* radica no processo *Adaptativo* de «*procura do melhor caminho para a Continuidade*». Para essa demonstração este trabalho serviu-se da «*história da manipulação e da gestão dos objetos e factos, a sua hierarquização em sucessivas escalas de valor, e a sua classificação como sendo “património”*». A observação concreta da mudança que ocorreu no Património (nessa *busca e gestão da Relevância*) nos anos que se sucederam à dita “*Segunda Guerra Mundial*” (1939-45) – concretamente, a mudança dos conceitos de *objeto, uso e valor* de «aquilo que se considerava ser relevante» – forneceu a demonstração (dedutiva e indutiva) que confirmou a hipótese inicial.

Esta *Conclusão* (resultado) volta a demonstrar a provável existência de uma “*estrutura da Relevância*” codificada na memória, que induz *a priori* a escolha daquilo que é considerado “*relevante*” pelas gerações seguintes. E volta a permitir demonstrar que é um erro científico separar «memórias ditas *sociais-culturais*» de outras, ditas «*moleculares e biológicas*», como pretendem as “*museologias sociais*”, “*sociomuseologias*”, e outras equivalentes. **A memória é um fenómeno e um processo, simultaneamente, bio-socio-cultural.**

O estudo sobre a relação entre *Património, Cognição e Evolução Humana* não se reduz à *experiência*, à *evidência*, e à *consciência* de «o que o Humano é capaz». Esse antropocentrismo é um erro. Pois, a escolha de «*aquilo que é Relevante, para merecer ser protegido num lugar especial (seja no ADN, seja através de uma membrana na célula, seja nos museus-arquivos) para ser transmitido às gerações seguintes*» (Património), vem desde a estratégia eucariote da Vida há mais de mil milhões de anos. As sucessivas cópias e recópias das células humanas a cada segundo que passa, e os sucessivos inícios e reinícios dos ciclos comportamentais dos organismos de cada espécie, logo, incluindo o do comportamento humano, transportam a memória dos critérios que justificaram as anteriores escolhas de

Relevância (ver no *Quadro I*, a passagem da *Variável 5* para a *Variável 1*).

Logo, para se estudar e se adquirirem conhecimentos e competência profissional no domínio do “*Património e Museus*” será necessária uma formação em “*STEM Education*”, aliada à tradicional, em ciências ditas “sociais e humanas”.

### **3.2 – Discussão**

O *resultado* deste trabalho de investigação mostrou que, no comportamento humano (*Quadro I*), há uma ligação efectiva entre os níveis biológico, social e cultural (simbólico). Uma ligação que nunca se perde, devido à *Variável 5* (trabalho patrimonial de escolha e codificação na memória daquilo que é considerado *Relevante*). E que, aquilo que se designa por “social” e “cultural”, afinal, não é um fenómeno artificial, arbitrário e separado do “natural” (biológico). E essa prova acrescenta um contributo, e uma consequência ao atual Conhecimento.

**3.2.1 – Crítica ao Relativismo e Interpretativismo:** A pretensa arbitrariedade entre o «nome» e a «coisa nomeada» dentro do Signo. O vazio, a indeterminação e o Nada, como uma maneira inversa de preencher a expectativa de Verdade, antes, preenchida pela convicção no Tudo, na certeza e no absoluto.

O *resultado* deste trabalho vem contradizer muitas das teorias atualmente predominantes. Concretamente, as teorias herdeiras do “*Relativismo Cultural*” (que tentaram substituir as do “evolucionismo”); as do “*Interpretativismo*” (de C.Geertz, continuadas por J.Clifford, Z.Bauman, Ph.Descola, e sucessores); e, as teorias “*linguísticas, semióticas e simbólicas*” (encarceradas na lógica da linguagem, e baseadas na suposta arbitrariedade da relação entre significado e significante dentro do signo). Um *relativismo cultural* e um *interpretativismo* que contribuíram para o descrédito científico das ciências sociais e humanas – tal como é confessado recentemente, em junho de 2000, por J. Monaghan e P. Just, no capítulo “*Afterword: some things we’ve learned*” (pp.140-142), em “*Social & Cultural Anthropology: a very short introduction*”, Oxford University Press. Uma epistemologia que se tornou predominante na maioria das atuais universidades, e serviu para justificar o comportamento

humano e todas as suas acções, sobretudo as lutas políticas e sociais. Bastando a construção de “narrativas”, em nome da liberdade e da apologia da diferença humana, para serem consideradas (pseudo)científicas. Exatamente, por se presumir que bastaria serem explicadas pelo pretensu arbítrio da relação entre o «nome» e a «coisa nomeada» dentro do signo. As citações apresentadas adiante mostram esse atual diferendo. E mostram, também, como o resultado deste trabalho contribui para resolver esse problema.

*“... Não pode haver qualquer expectativa geral de um nível de relevância que seja equilibrado e satisfatório.”*

(D.Sperber; D.Wilson, 1995/2001, “*Relevance : communication and cognition*”, Blackwell, Oxford, p.240)

*"Poucos Achuar conhecem o nome de seus bisavôs, e essa memória da tribo, que ronda no máximo quatro gerações, será engolida periodicamente na confusão ou no esquecimento. As inimizades ou as alianças que herdaram dos seus pais apagam as mais antigas que os seus bisavós tinham estabelecido, porque nenhum dos memorialistas se dá ao trabalho de rememorar os altos feitos realizados há decénios por aqueles cujo nome já não evoca nada a ninguém nesse presente. Para além dos rios e espaços fugazes em renovação permanente, não há lugar a outra qualquer enunciação. Os locais de habitação são transitórios, raramente ocuparam mais de quinze anos antes de desaparecerem novamente sob a floresta conquistadora, e mesmo a recordação de uma clareira desvanece com a morte de quem a tinha desmatado."*

(Philippe Descola, *Les Lances du Crépuscule*, 1993, col. Terre Humaine, Plon, Paris)

#### Quadro VI – O impasse *Interpretativista*, *semiológico*, e *Relativista*.

O que os autores *interpretativistas*, *relativistas*, *semiológicos* e *simbolistas* fazem, para explicar o comportamento humano, é a tese de ele ser um fluxo subjetivo, a que chamam “*experiência*”. A qual, está encarcerada perpetuamente dentro da arbitrariedade do signo. Portanto, impossível de determinar fora da plurissignificação e da polissemia da linguagem. O comportamento humano seria esse fluxo, que corre permanentemente lá, dentro da lógica da

linguagem. E por isso, viveria numa inacessibilidade impossível de quebrar, entre a “*vida vivida*”, a “*vida dita*” e a “*vida experienciada*”. É o mesmo *interpretativismo* que Clifford Geertz, reivindicando-se da herança de John Dewey, propõe: “*Experiences, like tales, fetes, potteries, rites, dramas, images, memoirs, ethnographies, and allegorical machineries, are made; and it is such made things that make them. The «anthropology of experience», like the anthropology of anything else, is a study of the uses of artifice and the endlessness of it.*” (Clifford Geertz, 1986, “*Making Experiences, Authoring Selves*”, in “*The Anthropology of Experience*”, edited by Victor W. Turner and Edward M. Bruner, University of Illinois Press, p.380).

O ser-humano, condenado a ficar eternamente fechado sobre si mesmo, não teria evoluído de nada anterior, nem estaria sujeito a uma evolução (transformação) posterior. Exactamente a mesma condenação a que o “*primeiro*” Wittgenstein nos tinha destinado no “*Tractatus Logico-Philosophicus*” (1921): “*Aquilo que não podemos pensar, não podemos pensar; também não podemos dizer aquilo que não podemos pensar*” (5.61) ... “*Acerca daquilo de que se não pode falar, tem de se ficar em silêncio*” (6.54). Um radicalismo que foi aproveitado pela “*Escola de Viena*” (R. Carnap, M. Schlick, *et alli.*, 1924) para afirmar um pretenso “*empirismo lógico*” (P. Manuel-Cardoso, 2010, “*Processo de validação do Conhecimento pela Ciência*”, ed. Oficina do Impronuncialismo, Lisboa).

Se se sintetizasse a epistemologia relativista e interpretativista numa equação, seria qualquer coisa parecida com: [tudo Existe, nada é Real]. Ou seja, não diferiria muito da tese de W. Dilthey: “*Reality only exists for us in the facts of consciousness given by inner experience*” (“*Dilthey: Selected Writings*”, ed. H.P. Rickman, Cambridge University Press, 1976, p.161). Seria uma das quatro reações perante o Realismo que J.-P. Delahaye referiu: “*Les problèmes du Réalisme ne sont pas vraiment graves, inutile d’en tenir compte. Ça s’arrangera tout seul*” (Jean-Paul Delahaye, 1999, “*Lógica, Informática e Paradoxos*”, no capítulo intitulado “*O Realismo em matemática e em física*”, p.151, ed. *Pour la Science*, Paris, ISBN: 2-9029-1894-1).

Um dos exemplos recentes, mais icónicos, onde se pôde ver em imagens onde vai desaguar o impasse antropocêntrico desta ideologia do interpretativismo e do relativismo cultural, foi a Exposição de Chou Ching-hui intitulada “*Animal Farm*” (pela primeira vez apresentada na Europa em 15 julho 2022, em Lisboa, no Museu do Oriente, depois de ter itinerado por várias

idades na Ásia): – “A *Consciência*, sendo considerada a força motriz invisível do comportamento humano, que ao mesmo tempo o limita. *Animal Farm* integra nove fotografias de grande escala, nove vídeos, retratos e instalações, organizadas em três núcleos: *consciência do comportamento coletivo*, *consciência da sobrevivência*, e *consciência do corpo*. *Animal Farm* são imagens surrealistas e teatrais que encenam comportamentos humanos e interações sociais em recintos destinados a exibir animais (concretamente, nos jardins zoológicos de Hsinchu e Shoushan): uma refeição familiar por trás de uma cerca electrificada, um recinto onde brincam crianças sob o olhar de um leopardo, a toilette de uma mulher elegante rodeada por grades e um fosso (....) Questões como o consumismo, a obsessão com a imagem, o isolamento e a conectividade digital, a doença mental, os estereótipos, e as questões de género (....) A vida doméstica significando abundância e paz, ao mesmo tempo que um confinamento sufocante; a arte contemporânea, como instrumento de propaganda da ideologia liberal do mercado e do consumo; as tecnologias digitais, e o vazio e a solidão das interações humanas; a reprodução, perante os desafios de género; a figura do ser-humano em ruptura consigo próprio, e a dificuldade em aceitar a doença mental; os ideais de beleza, de propagada da atividade física e de pretensa mobilidade, que escondem os interesses da indústria e do negócio nessa de mercantilização (....) Enfim, o absurdo e o distanciamento, quando Chou Ching-hui situa os humanos entre as demais espécies animais em jardins zoológicos...” (Chou Ching-hui, 15jul2022, “*Animal Farm*”, Museu do Oriente, catálogo da Exposição)

### **3.2.2 – O *aquém* e o *além* Humano: crítica ao Antropocentrismo**

*“Nada é menos evidente do que a evidência. Graças a que poder uma proposição, um ritual, uma profecia, certas instituições do direito arcaico afirmam, sem mais preocupações de prova, a sua Verdade? Eis o ponto de partida desta investigação. O discurso da evidência constitui um corpus que, de Ockham a Husserl, revela uma unidade. A questão «cartesiana» do signo – o *index sui et veri* – e a questão «husserliana» do preenchimento procedem de um fundo comum. Tentou-se uma dedução da evidência a partir das experiências sensorial e da língua que a descreve. A evidência remete para uma esfera arcaica da representação, o seu operador é uma «alucinação» que tem mais a ver com o registo simbólico do que com a figura clínica. Este estudo situa-se na linha de Freud e de Husserl: a alucinação originária está em consonância com um pensamento da evidência que tem por modelo «o existente absoluto». Uma epistemologia da evidência deverá mostrar de que*

*modo ela joga nos saberes científicos*” (F. Gil, 1996, “*Tratado da Evidência*”, ed. IN-CM, Lisboa).

A história da Filogenia (por exemplo, G. Lecointre, H. Le Guyader, 2001, “*Classification phylogénétique du Vivant*”, Belin, Paris) – e os *Quadros I, II, III e IV* deste trabalho – mostram que a *existência* e a *evidência* no seio da Natureza e do Mundo não estão confinadas ao limite de «*aquilo que o Humano é, e é capaz*» (i.e., a sua condição anatómica-fisiológica, o seu limite perceptivo-sensorial, a consciência e cognição da sua própria existência).

O *Quadro IV* mostra que aquilo que está antes de qualquer *Evidência* ou de qualquer *Objeto* (facto-coisa) é a *Diferença*. Aquilo que a provoca (“*coisa nomeada*”), e a percepção desse efeito (“*nome*”), são a mesma substância, apesar de serem tipos de objetos diferentes. Não há substâncias com outra essência senão o de apenas essa – serem partículas da Física (coisas da Natureza) a escalas e proporções diferentes.

Logo, a *Existência* não pode ser tomada pela *Evidência* (da que o Humano é capaz). Tomada por aquilo que o Humano consegue expressar-projetar-discernir sobre o mundo que o rodeia, e muito menos sobre a Natureza. Assim sendo, a *evidência* dos objetos-factos-coisas que existem na Natureza não pode ser reduzida totalmente àquilo que é a *consciência* e a *existência humana*, como faz o Antropocentrismo. A *cognição*, que funciona no córtex e que os Humanos herdaram (*Variável 2, coluna 2, Quadro I*), é mais do que a *consciência* – no sentido de que tem mais capacidade para codificar e analisar a «*Relevância que é crucial para a Adaptação*», pois, vem de muito mais *aquém* do que a origem humana, e não está limitada àquilo que o sistema humano consegue fazer dela. A redução antropocêntrica do comportamento humano à «*consciência de si próprio*» e à «*experiência do que é capaz de experienciar*» é o que fazem Fernando Gil e os autores que convocou para esse Debate (*ibidem*, 1996, IN-CM, Lisboa). A *evidência* não se resume nem à *consciência* nem à *experiência* que o ser-humano é capaz. Ela é resultado de algo que o ser-humano herdou, que está antes do seu aparecimento, e que não controla – apesar de funcionar dentro de si (tal como funciona dentro de outras espécies de seres-vivos não-humanos). Logo, é um erro reduzi-la ao “preenchimento da expectativa de Verdade” (Husserl, Wittgenstein, Heidegger, *et alli*), e muito menos a encher esse “cilindro” (Wittgenstein) com o «*existente humano em*

*si-mesmo, na sua singularidade, e na experiência de si e do que o rodeia».*

Nada obriga a que haja alguma coisa *fora* da materialidade da Natureza (e muito menos que essa não-coisa seja um avatar feito de não-matéria, designado por «experiência» ou «consciência», e movido por fantasias subjetivas designadas por «força», «desejo», «subjetividade», e outras ficções equivalentes). Lá por não ser acedível ao Humano, nem ele ter palavras para o pronunciar, não quer dizer que não exista. Ou, que obrigue a não ser matéria.

A projeção ou a antropomorfização do não-acedível, do indefinível ou do não-discernível não obriga a que sejam forçosamente divindades autónomas, ou forças ocultas vivendo algures ou em nenhures. Não obriga a transformar este Debate num antropocentrismo, como fazem Philippe Descola, Tim Ingold, Bruno Latour, e outros. Ou num existencialismo e num cognitivismo, como faz Fernando Gil: *“A evidência do raciocínio ... pertence a uma epistemologia. É pela sua própria singularidade, que o existente individual contribui para a evidência, a apodicticidade exclui o ser-de-outra-maneira. Husserl explicou-o, tal como Wittgenstein (que reúne adequação e apodicticidade no preenchimento da expectativa). O seu modelo é o ajustamento – contínuo – de um cilindro a uma câmara cilíndrica, a sua figura simétrica o espaço vazio, o jogo não determinado, arquétipo (Urbild) da insatisfação (Unbefriedigung). Wittgenstein emprega as mesmas palavras que Husserl e Kant, o Ideal da razão pura é a linguagem da evidência. A relação entre a expectativa e a satisfação da expectativa é interna, existe apenas um tipo de satisfação para cada expectativa; «que um acontecimento reduza ao silêncio o meu desejo, não significa que o satisfaça (erfüllt). Wittgenstein joga no mesmo registo que Husserl. O Urbild da satisfação reencontra a Urdoxa, o preenchimento sempre adquirido da alucinação do existente. Adequação e contentamento, realização da expectativa, apodicticidade da determinação única aí se encontram preconstituídos.”* (p.264).

O Debate sobre o comportamento e a evolução humana – para ser rigoroso e credível em termos científicos – tem de englobar o que está *aquém* e *além* do ser-humano (antes e depois da sua origem e aparecimento). Assim sendo, não basta reduzir a *evidência* à expectativa de preenchimento da verdade, e à *consciência* existencial disso. Ainda por cima, uma *consciência* expressa e mediada pela palavra, pelo sonho, ou pelas projeções da cognição humana. Que é

o que faz Fernando Gil durante toda a discussão: “c) *A homologia – inesperada, não trivial – da descrição da evidência com a descrição da alucinação*” (...) “*Como a evidência, a alucinação é uma questão de sentidos, o operador «alucinação» não é um deus ex machina*” (...) “*Os operadores não são objectos...*” (...) “*Freud insistiu no carácter figural da alucinação, mas de uma forma que se presta a ambiguidade. A figuração consiste numa transformação do pensamento – como se o pensamento nela ainda se encontrasse. O pensamento transforma-se em imagem visual no sonho. O mesmo acontece na alucinação... (...) precisando Freud que «só sofrem essa transformação» os pensamentos associados a recordações (recalçadas)... Na alucinação do sonho, um conteúdo de pensamento, transformado por regressão e readaptado num fantasma de desejo, torna-se consciente como percepção sensorial»*” (...) “*A experiência natural da alucinação não é uma experiência da significação. As análises de Wilfred Bion ajudam a mostrá-lo, fazendo recuar, até esse registo originário postulado por Freud, onde não há motivo para distinguir entre representação de palavra e representação de coisa, sentido e percepção, do mesmo modo que entre figural e desejo, representação e força...*” (Fernando Gil, 1996, “*Tratado da Evidência*”, IN-CM, p.222)

O Debate sobre “*Património, Cognição e Evolução Humana*” não se reduz à *experiência*, à *evidência*, e à *consciência* de «*o que o Humano é capaz*». Não basta conduzir todo o debate nessa direção, e no fim, depois de o ter preenchido assim, dizer de fugida que tudo não passa de uma “*epistemologia*” (F.Gil, *ibidem*, 1996, p.264). A escolha de «*aquilo que é Relevante para merecer ser protegido num lugar especial (seja no ADN, seja através de uma membrana na célula, seja nos museus-arquivos) para ser transmitido às gerações seguintes*» (Património) vem desde a estratégia eucariote da Vida há mais de mil milhões de anos. As sucessivas cópias e recópias das células humanas a cada segundo que passa, e os sucessivos inícios e reinícios dos ciclos comportamentais, transportam a memória dos critérios que justificaram as anteriores escolhas de Relevância (ver *Quadro I*, a passagem da *Variável 5* para a *Variável 1*).

O resultado deste trabalho mostra que aquilo que está antes da *Evidência* e do *Objeto* que os Humanos formalizam é a percepção da *Diferença*. Tudo começa nos sinais de distinção acedidos pela percepção-sensação. Para os humanos, não há nada na Natureza *fora* da materialidade da diferença e da distinção. Qualquer discernimento, pensamento, percepção ou sensação resultam dessa operação de processamento da *Diferença*. Facto que, já em 1988, na tese final de licenciatura em antropologia (UNova, FCSH), nos tinha levado a postular um



processo comportamental humano baseado na quadrupla operação: “*Fragmentar – Reconstituir – Simular/Experimentar – Integrar*”.

A acção original (inicial) é sempre a segmentação da Natureza-Existência em sinais de distinção e *Diferença*. Não por causa de razões antropomórficas – como o *desejo*, a *subjetividade*, a *atração*, *satisfação*, *necessidade*, e outras do mesmo tipo. Nem por causa da *vontade* e *decisão* totalmente arbitrárias vindas da vontade humana consciente. Esse acesso à Natureza, através de sinais de distinção e diferença, radica no simples facto de que é esse o limite biofísico daquilo (do objeto-facto-coisa) que se designa por *ser-humano*.

Aquilo que provoca a *Diferença* (a “*coisa nomeada*”) – e que está *além* e *aquém* da existência e da evidência humana – juntamente com o efeito diferencial que causa no sistema perceptivo-sensorial, é o que constitui a materialidade de tudo aquilo que se designa por Real, Realidade, Evidência, Objeto.

Todos os *Objetos* (factos, coisas) são forçosamente um agregado de uma, ou mais, *Diferenças*. Tal como as substâncias que se designam por “átomos” são o agregado de uma, ou mais, partículas (descritas na “*Tabela Periódica*”). Todas as *Diferenças*, tal como todos os modos de se lhe aceder pela percepção-sensação-cognição humana, são também partículas da Física (incluindo aquilo que se designa por energia, força, fluxo, “*onda*”, “*campo*”, etc.). São tudo *objetos-factos-coisas* feitos de *partículas* da Natureza. A substância-matéria de que são feitas as *Diferenças* é a mesma daquela pelas quais ela se origina na percepção-sensação-cognição (como no exemplo do *ADN* que referimos na *coluna 1* do *Quadro IV*).

Haverá algo *fora* dessa materialidade da *Diferença*? O «não-coisal», o “imaterial”, o “intangível”, o “indefinível”, a “subjetividade”, ou a «não-física» terão de ser obrigatoriamente mais do que Física? Não poderão ser apenas sinais da deteção da existência de um *aquém* e *além Humano*?

Seja como for, o que ocorre na cognição é, todos os *Objetos* – os conscientes e os inconscientes, os interiores e os exteriores, os mentais e os visíveis, os materiais e os imateriais, os definíveis e os indetermináveis, a sensação e a representação, enfim, todos sem excepção – estarem a diferentes níveis de processamento e codificação (concretamente, sete

níveis ou tipos de objetos como o *Quadro III* propõe). E ter sido essa diferença de codificação que explica a sua evolução: de *Diferenças* passam a *Formas*, de *Formas* passam a *Representações*, de *Representações* passam a *Signos*, de *Signos* passam a *Palavras*, a *Escrita*, e a *Hipertexto* (Quadro IV).

De facto, a «*redução da Realidade a Formas*» permitiu que os níveis de complexidade anteriores fossem transformados em **signos** para uma linguagem (e um controlo-regulação) de nível de complexidade superior. Operando a passagem entre as *Variáveis 1 a 5* (do nível físico e biológico herdado; ao nível individual cognitivo e comportamental; até ao nível social e coletivo; e depois, cultural). E, finalmente, ser capaz de reinvestir o *nível de complexidade cultural* na própria modificação da condição biofísica herdada.

Em suma, «*coisas de coisas*» e «*Objetos de objetos*» (num *continuum* de 1 a 7) que nunca perdem a ligação física entre si, cumprindo as propriedades quânticas da *intrincação* e *superposição*. Isto é, mostrando que são, provavelmente, apenas diferenças de escala e de energia. Que iludem a percepção, por causa do limite sensorial e fisiológico inerente à condição humana. Um processo neguentrópico, cujo destino talvez seja, outra vez, tenderem para *Zero*, num ciclo permanente de distensão-contração. Como se não fosse sempre, afinal, um assunto de funcionamento da Natureza consigo própria – apesar da sobrançeria antropocêntrica de nos apelidarmos de “*humanos*” convencidos de que dela nos separámos. E, nesse entretanto, inventando deuses, para nos projetarmos através deles em «*o que há-de vir*». O que, de certo modo, perante a incapacidade de sabermos qual é a «verdade absoluta» ou a «certeza definitiva», é uma forma de responder à pergunta «***o que é Relevante para a Continuidade, e deve ser preservado como Património para ser possível transmitir aos vindouros?***».

**3.2.3. Hipótese naturalista para a origem do fenómeno da religiosidade comum à maioria da espécie humana:** A ilusão do “duplo”, transformada numa divindade autónoma, proveniente do efeito de repetição e sucessiva re-cópia do objeto-corpo inicial. A constatação de que, afinal, no início, não foram a *palavra* e o *verbo*.

Ora, – ao invés destas perspetivas relativistas, fenomenológicas e interpretativistas, plenas de

afirmação antropocêntrica – a actual “definição bioquímica de Vida” (Sadownik, J., Mattia, E., Nowak, P., Sijbren, O., *et al.*, *Nature Chemistry* 8, 264-269, 4 jan 2016; J. Peretó, J. Catalá & A. Moreno, *La Recherche*, n.º 2, Février 2013, p.20), que referimos no início deste texto, presume que a evolução é um processo autónomo e *Adaptativo* constituído pela sucessiva cópia de «*o que se é*» (autocatálise), num percurso «*do mais simples ao mais complexo*» (auto-organização).

O rasto do processo bioquímico da autocatálise inerente à evolução da *Vida* – ou seja, de sermos obrigados geneticamente a fazer *cópias de nós mesmos* para evoluirmos (e, com o aparecimento da via eucariote, sem que as diferenças e mutações consigam destruir a herança codificada na memória) –, quando atinge o nível de complexidade cultural e humano, **dá a ilusão da existência**, autónoma, de um “*duplo*” (por exemplo, o “*doppelgänger*” referido por Helmuth Plessner, 1928, “*Die Stufen des Organischen und der Mensch*”), “*sombra*”, “*halo*”, “*fantasma*”, “*esfinge*”, “*espírito*”, “*divindade*”, “*super-ego*”, “*dejá vu*”, ou de um “*portal*” (para *mundos-do-aquém* ou *do além*). Ou recentemente, em 2022, Blake Lemoine, defendendo a existência de uma “*Inteligência Artificial possuindo consciência de si*”. Clifford Geertz também se deixa influenciar por essa ilusão, explicitamente, ao usar as palavras de Lionel Trilling: “*How Comes It that we all start out Originals and end up Copies?*” (C. Geertz, 1986, “*Making Experiences, Authoring Selves*”, p.380). Ou seja, imagens – quiçá, iguais à da famosa alegoria da caverna de Platão – que são meras projeções e reflexos desse processo sucessivo de cópia necessário à evolução da complexidade.

*Imagens e projeções* iguais às de todas as religiões, em que os deuses são «*Aquele de nós que desejamos-projetamos num Ser que Há-de Vir*». Obrigatoriamente, após a transformação daquele que agora somos. Necessariamente, após a sua morte. Na religião católica, esta projeção imagética encontra-se descrita na epístola de São Paulo aos Coríntios, e na morte-transformadora de um *ser-anterior* numa cruz. Em que «*aquele de nós, que somos agora, e que está prestes a fenecer*» – num último momento de medo, de dor e de dúvida – pede ajuda a *Deus*. Para ouvir *Dele*, que essa aparente morte, esse aparente fim, afinal, são a condição transformadora para que possa entrar no “*reino dos céus*” perpetuamente.

A *atitude científica* (com a *probabilidade*, enquanto limite da evidência e da verdade) e esta *atitude divina* (com a obrigação de se ter de passar por uma *mudança* e uma *transformação*

«daquilo que se é»), paradoxalmente, neste caso concreto convergem. Pois ambas não satisfazem o “preenchimento da expectativa sobre a Verdade” (Husserl) de quem a busca (sejam os que o fazem pelo lado sensorial; sejam os que o fazem pelo da lógica deduzida da linguagem que descreve a evidência). Razão pela qual, a *probabilidade* (Bayes/Laplace) e a *transformação-mudança* (epístola de São Paulo aos Coríntios) ao impedirem o fechamento numa crença ou numa lógica, são, exatamente, a parte mais difícil de aceitar tanto pela esmagadora maioria dos cientistas como dos crentes.

Ou seja, o aparente laicismo e agnosticismo das ciências sociais e humanas dominadas pelas ideologias do *Relativismo Cultural* e do *Interpretativismo*, afinal, são a mesma fé e a mesma crença nessa “ilusão” (“*sich selbst zu erkennen vermeine*” p.256; “*a ilusão é inevitável, pois tem fonte no Schein*” p.257, *ibidem*, F. Gil, 1996). Apesar de agora estarem trajadas com os fatos da fluidez, neutralidade e da indeterminação, é com a arbitrariedade entre o *nome* e a *coisa nomeada* dentro do signo que preenchem a expectativa da Verdade. Impedindo que o comportamento humano, perpetuamente, saia desse cárcere. Fazendo o que a maioria faz: fecham-se numa crença e numa lógica totalmente antropocêntricas.

Ora, em termos factuais e empíricos, o resultado deste trabalho de investigação mostra – no caso concreto da relação entre *Património, Cognição e Evolução* – que não é isso que a Vida expressa. De facto, o resultado deste trabalho mostra que a linguagem e a escrita não são um arbítrio relativista, simbólico e interpretativista. Mas, outrossim, apenas, um *processo Natural* de explorar – a uma distância, escala e complexidade maior – o contexto que rodeia o *servivo*. Melhorando a sua capacidade *Adaptativa*, e aumentando a probabilidade de *Continuidade*. Razão pela qual pudemos formular um novo «*modelo de compreensão do comportamento humano*» (Quadro I), mais adequado à realidade empírica e à história factual da sua evolução na Filogenia.

E não são apenas os *corpos*, mas igualmente os textos, e todos os resultados do conhecimento a que chegamos, que sofrem também este processo de permanente mudança e transformação. De permanente morte, e ressurreição noutros transformados. Aliás, em termos factuais e empíricos, é a essa condição a que estão sujeitos todos os *objetos-factos-coisas* na cognição. *Versões de versões*, que se sucedem sem término, para haver uma porta – uma saída – para se conseguir evoluir. Uma porta ínfima, é certo, entre o original e a cópia, e

entre as cópias e as sucessivas re-cópias. Mas cuja permanência-existência apenas pode ser garantida se este processo comportamental (ciclo) não cessar. E, em termos de Conhecimento, é a permanência deste processo (fenómeno) que permitiu à cognição captá-lo como se fosse uma *forma* e um *padrão*; e, posteriormente, permitiu que formulássemos um «modelo de compreensão» (*Quadro I*). Passando, em termos de complexidade, do nível de algoritmo para o de logaritmo.

### **3.3 – O novo ponto-de-partida**

#### **3.3.1 – A memória enquanto fenómeno bio-socio-cultural**

O resultado deste trabalho sobre “*Património, Cognição e Evolução Humana*” mostra que é um erro reduzir a *experiência*, a *evidência*, e a *consciência* àquilo que «*o Humano é capaz*». De que esse erro antropocêntrico (interpretativista, relativista) deve ser evitado. A escolha de «*aquilo que é Relevante para merecer ser protegido num lugar especial (seja no ADN, seja através de uma membrana na célula, seja nos museus-arquivos) para ser transmitido às gerações seguintes*» (Património) vem desde a estratégia eucariote da Vida há mais de mil milhões de anos. As sucessivas cópias e recópias das células humanas a cada segundo que passa, e os sucessivos inícios e reinícios dos ciclos comportamentais, transportam a memória dos critérios que justificaram as anteriores *escolhas de Relevância* (ver *Quadro I*, a passagem da *Variável 5* para a *Variável 1*).

A passagem da «*deteção das Diferenças*» à «*representação de Formas*», e a conseqüente «*redução da Realidade a essas formas*» (que posteriormente se transformaram em ícones, indexes, símbolos; até atingirem a fase de *signos*; e depois a de *linguagem* e *escrita*; e a seguir, a de *hipertexto*), permitiu o desenvolvimento da capacidade cognitiva sem romper a ligação ao funcionamento molecular da memória (no sentido dado por John O’Keef, E.Kandel, Edvard e May-Britt Moser, e outros). O processo heptadimensional inerente ao ciclo de vida de um qualquer *objeto-coisa-facto* na cognição (percepção e representação) apresentado por este trabalho (*Quadro III*) permitiu compreender que nunca houve uma ruptura entre a «*realidade*, dita simbólica ou cultural» e a «*realidade*, dita natural» (inerente ao funcionamento fisiológico e molecular). Houve sempre, e continua a haver, “*intrincação*”

(uma vez ligadas, as partículas nunca perdem a ligação) e “*super-posição*” (estarem ligadas, simultaneamente a outras diferentes, em locais geograficamente descontínuos, separados no espaço-tempo). Nunca houve «*natureza vs cultura*», «*corpo vs espírito*», «*coisa vs informação*», «*hardware vs software*», «*matéria vs espírito*», «*consciência vs comportamento*», «*material vs imaterial*», «*bit vs it*», e outras oposições do mesmo tipo, que pretendiam colocar o comportamento humano fora da Natureza.

O *resultado* deste trabalho mostrou, assim, que o aumento da capacidade cognitiva foi possível através de um processo de codificação baseado em sucessivos níveis de complexidade. Não diferente do conferido pelas propriedades de *autocatálise* (moléculas com a propriedade de fazerem cópias de si mesmas) e *auto-organização* (moléculas com a propriedade de evoluírem do simples ao complexo) da atual definição bioquímica da Vida. Que, apesar de ter havido uma evolução para níveis designados por “*sociais ou culturais*”, nunca deixaram de interferir no sistema bio-fisiológico inicial, apesar desse afastamento. Isto é, nunca houve uma separação ou ruptura do “*natural*” (biológico) em relação ao “*cultural*” (simbólico).

Ou seja, a natureza biológica do ser-humano pode viajar para fora da sua condição inicial (herdada geneticamente, i.e., interiorizada e codificada molecularmente) – concretamente, para o território daquilo que se designa por “*social*”, “*cultural*” e “*humano*” – sem se perder da Natureza. Logo, nada impede que a «*procura da Relevância*» seja um comportamento induzido por um estado (uma pré-disposição herdada) provocado por uma proteína, ajudada a codificar por um ou mais genes. E no futuro, induzida por técnicas humanas.

Ora, esta evidência deveria ter consequências na redefinição do conceito de Património, e no trabalho actual de gestão dos Museus e instituições equiparadas (ICOM/UNESCO).

### **3.3.2 – Redefinição do conceito de “Património e Museus”**

Por exemplo, permitiria iniciar desde já um trabalho de matematização e robotização do trabalho em “*Património e Museus*”, na base da seguinte definição:

**$X = \text{Log } b(Y)$ . Em concreto,  $X$  transforma  $b$  em  $Y$ .**

**Ou seja:**

1. O Património seria o logaritmo da Relevância. E o Museu o logaritmo do Património.

1.1. Um «MUSEU» (X) seria o logaritmo do PATRIMÓNIO (Y) (património, entendido como «a relevância a preservar e transmitir aos vindouros») cuja base (b) é: [Estudo e Investigação; Conservação e Documentação/Codificação; Divulgação e Sensibilização; Educação e Acessibilidade; Valorização Cultural].

Logo, X transforma b em Y. Ou seja,  $X = \text{Log } b(Y)$ .

1.2. No «PRÓXIMO MUSEU» seria R (Robot Engineer, Robotic Controller, Research Develop, Code Tec, Build Control, Create-Edit, Present-Share) que faz (executa, calcula) b.

Logo, o «PRÓXIMO MUSEU» poderá vir a ser um robot.

2. O Património, ao ser o logaritmo da Relevância, teria por consequência permitir a convergência científica e técnica entre museus, coleções, monumentos, sítios, arquivos, bibliotecas, centros de documentação e interpretação, e todas as outras infraestruturas patrimoniais. Expressa no seguinte processo de Gestão:

Gestão Documental		Situacão em Portugal		Compatibilidade Internacional
IDENTIDADE DO OBJETO	TIPO DE OBJETO	SISTEMAS DE REGISTO (Portugal)	SISTEMAS INTERNACIONAIS	
<b>OBJETO</b> (documento, imagem, coleção, facto, testemunho, história, ideia)	a) Número de inventário;	1 DOCUMENTAL/ARQUIVÍSTICO	> DGLAB/ AN-TT	Normas Internacionais de Documentação  Bases-de-Dados internacionais  Biblioteca Digital de Jogos Tradicionais da UNESCO
	b) Nome da instituição;	2 BIBLIOGRÁFICO	> PORBASE/BN	
	c) Denominação ou título;	3 MÓVEL	> MATRIZ/DGPC	
	d) Autoria (quando aplicável);	4 IMÓVEL	> MATRIZ/DGPC/SIPA	
	e) Datação;	5 IMATERIAL	> MATRIZ PCI/DGPC	
	f) Material, meio e suporte;	6 DIGITAL	> ADP/DGLAB	
	g) Dimensões;	(misto)	[Direção-Geral do Livro, Bibliotecas e Arquivos (DGLAB);	
	h) Descrição;	(outro)	Arquivo Nacional da Torre do Tombo (AN-TT);	
	i) Localização;		Biblioteca Nacional (BN);	
	j) Historial;		Direção-Geral do Património Cultural (DGPC);	
	l) Modalidade de incorporação;		Sistema Integrado do Património Arquitetónico (SIPA);	
	m) Data de incorporação [Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto (Lei-Quadro dos Museus Portugueses): Artigo 19.º]		Património Cultural Imaterial (PCI); Arquivo Digital Português (ADP).]	

3. Um MUSEU deixaria de ser (apenas) «o sítio onde os objetos estão», para poder vir a ser «aquilo que iria aos objetos, estivessem onde estivessem, e os transformaria em património». No sentido de que, um MUSEU seria muito mais uma **relação** (performance, acção) do que apenas uma infraestrutura/**edifício** (texto, estrutura). Um MUSEU passaria a ser aquilo que permitiria estabelecer uma **Relação** (informacional, comunicativa, sensorial e educativa) com os **Objetos (coisas, factos)**. Deste modo, um **MUSEU** tenderia a ser o processo cognitivo e comportamental capaz de ir aonde estivessem «os **Objetos-coisas-factos** que as pessoas desejassem que transformar em Património».

4. O PATRIMÓNIO (em quaisquer sociedades e épocas históricas, e quaisquer que fossem os

objetos/factos/coisas/imagens/documentos considerados) seria sempre *um exemplo de Relevância* e um trabalho para a codificar na memória.

5. A Gestão do Património passaria a poder ser orientada e avaliada de modo objetivo e quantificado pela seguinte equação:

$$\text{IGP} = \text{iD} + \text{iP} + \text{iC} + \text{iR} + \text{iT} / \text{CI}$$

**IGP** – Índice da Gestão do Património e Museus.

**iD – Documentar** [estudar, investigar, identificar, registar e construir a identidade do objeto]

**iP – Preservar** [localizar e salvaguardar o objeto (armazenamento, segurança e conservação)]

**iC – Comunicar** [possibilitar que o recetor compreenda o valor e significado patrimonial do objeto; estabelecer a acessibilidade física, social e intelectual]

**iR – Reconstituir** [unir pela linguagem (texto e hipertexto) as partes, as características e o contexto do objeto: narrativa, história, interpretação]

**iT – Transmitir** [atualizar e compatibilizar os suportes da informação do objeto (materialidade e linguagem) para os presentes e vindouros]

**CI – Classificar** [definir os critérios e explicar a *Relevância* do objeto. Inscrever o objeto numa lista oficial de Património de acordo com as normas legais vigentes em cada época]

Esta alteração conceptual e de definição de «*o que é um Museu e o Património*» permitiria olhar a intuição do *Cartaz* que estava afixado, em 1981, no Centro Georges Pompidou com outros olhos – desde que substituíssemos “*man*” por “*ser-humano*”. Ver *Cartaz* adiante:



Cartaz de Guy Bleus e Willy Dé, 25/10/1981.

O *Cartaz* confrontava o visitante com a pergunta: - «Não será o ser-humano, afinal, o único e o verdadeiro Património?».

Ora, a época que se aproxima – impregnada das ferramentas de inteligência artificial, robótica, *machine-learning*, redes neurais, digitalização, e outras do mesmo tipo, que, já hoje, constituem o trabalho diário, científico e técnico de centenas de pessoas um pouco por todo o Mundo, e em cada vez mais universidades e instituições museológicas – não viabilizará ainda mais **este destino do «Património e Museus»?**

Isto é, o *futuro do Património e Museus*, incluindo a experiência da *Visita*, não será migrarem (codificados, robotizados, nano-implantados na memória neuronal, acedíveis pela realidade aumentada e mista) para dentro do corpo de cada ser-humano? E, no entretanto, enquanto não chega esse tempo, para dentro de um *robot* seu ajudante?

**Quadro VII** – Conceito e definição de *Património e Museus* (presente e futuro): codificação, robotização e transmissibilidade.



### **3.3.3 – A Cognição codificará, robotizará e interiorizará a Relevância, ainda mais do que no passado?**

*“Como explicar a similitude existente entre os processos mentais do Ser-humano e os mecanismos que presidem à evolução da Natureza?”*

(G. Bateson, 1979, “*Mind and Nature*”, E.P.Dutton, New York)

Esta codificação e robotização do comportamento humano – esta passagem para dentro de si de um processo relevante para o sucesso *Adaptativo* – afinal, é o mesmo processo já presente no ADN e na actual definição bioquímica de Vida (*ibidem*, *Nature Chemistry* 8, 4 jan 2016; *La Recherche* n.º 2, Février 2013). Na dita *Evolução* – no percurso filogenético da Vida (sobretudo, na via eucariote) – não terá sido sempre assim?

Quantos de nós – dos deste *nível de complexidade* designado por “humanos” (espécie *homo sapiens sapiens*) – serão necessários copiar e recopiar para se passar de *nível*? Atualmente, em 2022, aqui na Terra, a população já é superior a 7.976.338.000 indivíduos. E as cópias das *outras espécies de Vida não-humanas*, que competem e partilham connosco este mesmo território, quantas serão neste momento? Quem terá maior probabilidade de sobreviver, devido a ter adquirido melhores vantagens *adaptativas*? Servirá o *Património*, na sua relação com a *Cognição* e a *Evolução*, para nos conferir algum benefício nesse desafio?

Deste modo, o *ponto-de-partida* para um novo trabalho será a investigação da hipótese de que essa passagem, no córtex, – da *deteção das Diferenças* à *representação de Formas*, e o posterior percurso de complexidade de codificação até à linguagem, à escrita, e ao hipertexto – foi o que permitiu transmitir às gerações seguintes a memória das experiências tidas a nível “social” (antes do aparecimento da espécie humana) e “cultural” (após o *homo sapiens*). E com isso, aumentar a capacidade cognitiva do ser-humano por um processo perfeitamente *Natural*; isto é, consentâneo com a estratégia eucariote e o percurso da Filogenia. Ou seja, que será prudente não terminar a relação mitológica (i.e., a profecia de Futuro que o mito projectou) entre *Zeus* e *Mnemósine*.

Em suma, este trabalho de investigação mostra que a memória é um fenómeno e um processo, simultaneamente, bio-socio-cultural. Que, nesse processo, a relação entre a «*procura da Relevância*» e o aumento da complexidade da *Cognição* foi efetiva e determinante. E apenas explicável através do «*modelo de compreensão do Comportamento humano*» que formulámos no *Quadro I*. De que, é essa contextualização naturalista e empírica que permite compreender o contributo decisivo do *Património* para a *Evolução* humana. Uma explicação, a qual, sem o termos previsto inicialmente, conduziu à formulação de hipóteses: – quer para a origem da *Linguagem e da Escrita*; quer, para o modo como a *Realidade (objetos-factos-coisas)* é percebida na cognição; quer, para a origem do fenómeno da *Religiosidade* comum à espécie humana.

Mas não foi apenas esse contributo, de haver uma ligação efetiva entre os níveis físico, biológico, social e cultural. Foi também, em relação aos modelos anteriores, a capacidade de descrever com mais rigor a sua definição e o seu funcionamento. Concretamente, de que a *Natureza* está interiorizada no comportamento humano – simultaneamente, **física** (*intrincação e super-posição*) e **biológica** (*autocatálise e auto-organização*), somada à **social** (*sujeição dos comportamentos individuais à regulação coletiva e colaborativa*) e à **cultural** (*procura consciente da Relevância, e sua codificação numa memória transmissível e acedível por um novo ciclo comportamental, i.e., por um novo recomeço e uma nova re-cópia*) –, e determina a sua evolução. Muito mais do que aparentemente parece. E ainda mais do que a ilusão antropocêntrica impede.

De facto, o «*modelo de compreensão do comportamento humano, e sua evolução*» (*Quadro I*) ofereceu um novo modo de compreender e posicionar as *Variáveis* que estavam presentes no «*modelo darwinista*» (“*variação – adaptação – seleção*”). Estabeleceu a ligação de causa-efeito que faltava entre a “*seleção*” e a “*variação*”. O que permitiu compreender como se processou a passagem do *mais simples ao mais complexo*; e, de como a sucessiva *re-cópia* (ao ser capaz de acumular em memória os contributos das complexidades anteriores) permitiu aumentar o tamanho do cérebro, a capacidade cognitiva, e a complexidade nas gerações seguintes. Este trabalho permitiu compreender melhor como o *factor interno*, derivado desse poder cognitivo gradualmente aumentado (coluna 2, da *Variável 2*, do *Quadro I*), contribuiu para o processo da *Evolução* humana. Em vez de uma compreensão apenas *darwinista*, baseada predominantemente no *factor externo* da *Adaptação* ao ambiente-contexto.

Ora, o «modelo apresentado no *Quadro I*» permite **um passo adiante**. Permite postular que o «comportamento humano» é uma *derivada* (no sentido matemático) do «*modelo-padrão da Física*». Pois os níveis designados por “social” e “cultural” derivam das propriedades “físicas” da *intrincação* e *super-posição*; e “biológicas”, de *autocatálise* e *auto-organização*. Ou seja, os cinco níveis considerados no «modelo» estabelecem entre si, forçosamente, uma relação energética, química e biológica. Essa relação está presente e actua entre eles.

Logo, esses níveis de complexidade, provavelmente, até se poderiam organizar em “tabelas periódicas”, conectadas umas às outras. Pois, tal como sucede na *Tabela Periódica* para a escala atómica, tratar-se-ia de uma quantificação dos agregados de *Diferenças* (porque é isso que, nas outras escalas, também serve para classificar os diferentes tipos de objetos, e o que os distingue). Cujas passagens, das *Diferenças* de umas para as outras, funcionaria do modo que o *Quadro II* indica. De facto, é impressionante a facilidade com que, até dentro de uma simples gota de água, “*desde que haja a perda dessa molécula de água*” (Graham Cooks, 2022, 3 out, *Proceedings of the National Academy of Sciences*, Universidade de Purdue), se formam aminoácidos que criam espontaneamente péptidos, que constituirão as proteínas.

Sendo assim – sendo uma relação energética, química e biológica que ocorre entre os níveis de complexidade, e entre os *objetos-factos-coisas* que são produzidas em cada um deles – então, não há razão que impeça não ser uma relação proporcional, possível de quantificar e matematizar. Isto é, nada impede que seja possível passar da atual compreensão algorítmica para uma compreensão logarítmica do comportamento humano. E, futuramente, conseguir formular uma equação que oriente a robotização do comportamento humano.

O que, de acordo com a explicação sugerida por este trabalho, não seria mais do que uma forma mais evoluída do processo de *re-cópia* presente desde o início daquilo que se designa por “*Vida*” (i.e., um processo *natural*, físico-químico, que ocorre no *ADN-ARN* há milhões de milhões de anos). Continuará a ser a Natureza a perpetrar a Vida, e a funcionar consigo própria. Apesar dos *Humanxs*, com a sua habitual sobrançeria antropocêntrica, poderem usar o adjetivo “artificial” para se referirem a essa ocorrência.

Porém, ao se conseguir fazer esse novo tipo de cópia (*robot* do comportamento humano), então, a resposta à pergunta “**Para onde ides, Humanxs?**” é diferente da que daríamos antes deste trabalho. Pois a resposta continua a não estar resolvida, nem a ser definitiva, é certo. Mas o *resultado* deste trabalho será capaz de interferir no caminho da complexidade humana. Pois permite, até, decidir um caminho para a *evolução*, concretizado no objetivo de se alcançar a «*propriedade física SAP3i*». E, é a essa diferença, que chamamos “contributo”.

**Pedro Manuel-Cardoso**

Pós-Doutoramento (Universidade de Lisboa)  
Membro do *Conselho Internacional de Museus (ICOM/UNESCO)*  
Fundador do “*Impronuncialismo*”  
Criador do *robot* do comportamento humano “*Impronuncia*”  
Construtor da *propriedade física “SAP3i”*